

0. NOV. 1998

NÊSTE NÚMERO



História maravilhosa da Penicilina
— a grande descoberta do Prof.
Fleming.

(Ler artigo na pág. 5)



Quando Gaillard, o escritor fran-
cês de «Os Elos da Corrente»
esteve em Portugal...

(Ler artigo na página da «Re-
portagem»).



A acção de Rádio Graça descrita
por Américo dos Santos, seu
director técnico e administrativo.

(Ler entrevista na página de
«Rádios»).

**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 176

28 DE SETEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

*Infância inocente e descuidada — a alegria
gritante das nossas praias*

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

O homem dos cães

NEM todos os dias aparece na praia, mas, pelo menos, uma vez por semana é certo. Não tem nome! De resto para quê, se para ele a dor é já apelido bastante! Chamam-lhe apenas o «Homem dos cães», devido à sua companhia ambulante: meia dúzia de rafeiros, de pelo sujo, cobertos de escaras, os olhos a gotejar na reverberação intensa do sol e tão trópegos que logo se aninham na areia, descansando um migalhão de nada do itinerário quilométrico dos caixotes do lixo esvaziados pela guerra, por todas as estradas do concelho. A pequenada enfeitada com as suas cabecitas louras e morenas um circo miniatural, interessada e divertida, com palmas dobradas, quando um dos cães desobediente demora a habilidade. De ano para ano o mendigo tem envelhecido e os bichos, o seu ganha pão, também!

A andaina cai em farrapos e as botas riem-se sem cerimónia pelos buracos que mostram os pés sem meias. O rosto diz pouco: um sorriso aberto a canivete, com sulcos fundos de amargura, uma limalha ruiva espalhada na face, marmoreada de privações, uns olhos que já viraram a cor, desbotados pelas lágrimas. Parece um espantalho, tantos os buracos que o cobre, mas ainda tem um certo timbre autoritário, pobre François saltimbando ao apresentar a feia canina com uma voz de falsete, arre-fecida pelos relentos das noites sem lar.

Simplemente ridículo na sua tragédia! Se o virassem de cabeça para baixo não deixava uma lágrima! Deve tê-las chorado todas, quando se apagou o último foco no palco da sua vida de artista!...

Ficaram-lhe os cães que o agasalham nas noites de inverno ao canto de um palheiro ou numa fuma da costa, iguais todos, o homem e os bichos, sob o sonho das estrelas, ouvindo o regoar do mar que abala a terra num esforço titânico e inútil.

Mas nem sempre o espectáculo corre bem. Os cães também têm estômago. Recusam-se a entrar em cena se não lhe pagam com um osso descarnado ou uma cósia, trescalando a monturo:

— Vai comer!... Este é o cão mais inteligente do mundo!

Desprende um dos rafeiros da trela comum e, a muito custo, obriga-o a levantar-se à ponta de pingalim. Mostra-lhe depois um arco e incita-o carinhosamente, e logo, numa raiva crescente, o ameaçar nos olhos, querendo-lhe infundir uns últimos restos de energia na carcassa roída pela fome.

Nem assim! O cão já não pode! Fita o dono com humildade, agita a cauda ainda, dá um passo para meter o corpo esgrouviado pelo arco de madeira, mas desiste, vencido, abúlico, prostrado. As crianças impacientam-se, mas ficam estáticas, silenciosas, tocadas inconscientemente pela caricatura viva, de linhas duras, fustigada pelo realismo do sol, que nunca ninguém lhes desenhara humanamente, a lápis de ternura, nos seus contos de ouro e azul onde só há reis e princesinhas encantadas.

— Vem cá, «Janizaro»!

O cachorro obedece finalmente. É a sorte da morte. Rastejando como um réptil, lentamente, aproxima-se, agora sem medo, resoluto e heróico, e, como um grande artista, deixa-se cair no solo, inerte, olhos fechados, as pernas imóveis sem que se lhe ouça sequer o bater do coração. Mas nem assim mesmo o deixam morrer! Tem de ressuscitar para de novo representar o drama da vida.

Como nós, afinal.

ARTUR PORTELA



Era assim a Praça da Figueira

EL-REI D. Afonso Henriques, ao chegar às portas da velha Lisboa teve que lutar, estolicamente, com a ajuda dos cruzados, para se tornar senhor de tão cobizada presa. As lutas e os infortúnios que os mouros sofreram, tendo-se com inexorável heroísmo — que nem as febres, o cansaço e a fome faziam esmorecer — deram ao valoroso rei de Portugal um grande exemplo de amor pela terra, que ele, aliás, também sentia. Foi assim que, quando tomou posse da cidade, para que ela se não despovoasse deixou ainda ficar pelos arrabaldes alguns mouros. Dentro da cidade todos aqueles que se submeteram ao seu mando deixaram-se ficar nas casas, com a obrigação de lhes pagar um tributo.

Ora esse imposto chamava-se galazo. A população cristã absorveu a raça mourisca na cidade — nos campos, porém, isso levou mais tempo. Diz a tradição que a estes mouros dos arredores de Lisboa se deu o nome de calozos, derivando este nome, já corrompido, do que eles davam a uma reza que repetiam cinco vezes, chamada gala. Ora este nome aportuguesou-se em saloio, e subsistiu pelos tempos fora. Ainda hoje se dá esse nome a todos os homens que mourejam nos subúrbios da capital. O saloio constitui um tipo característico, que se distingue de todas as mais raças de camponeses em Portugal. São eles que abastecem os mercados, com as suas carroças de frutas e hortaliças. Manhãzinha, é vê-los, de barrete,

barba rala nos queixos magros, desconfiados com o vizinho do lado, larga cinta, despejarem repolhos e nabos, tomates e hortelã, pelos lugares da Praça da Figueira.

Os saloios pernoitam por ali — no Poço do Borratem, onde há casas com quartos e comidas.

Outros, mais sovins, não se despegam das galeras. E val de dormir, com a manta sobre os joelhos, se a noite não tem chuva nem orvalho. E no outro dia, depois da venda feita, voltam para as quintas, a revolver o chão com a enxada, que a boca pede pão todos os dias.

É já difícil encontrar os saloios e as saloias como mostra a gravura. Elas hoje, na aldeia, já têm cabeleireiro e manucure — e eles engraxam as botas — antigamente era com sêbo — e vestem na Rua dos Fanqueiros.

De modo que lenços e cintas, cores berrantes, botarras, chapéus largos ou barretes, tudo o vento levou.

O saloio já diz V. Ex.^a, fuma três vintês e quer capilé com soda em vez de sangrias com bagaço.

É raríssimo, pois, encontrar um que defina bem o tipo clássico. A vida transforma usos e costumes com enorme facilidade.

Ninguém escapa a esse cortejo de emancipação do primitivo.

Até o próprio mercado está transformado. Antigamente ia-se lá para abastecer a cabaz — e hoje?

Valha-nos Deus — que nem é bom falar.

Matos Sequeira
fala das Missões
Estéticas de Férias

MATOS Sequeira, arqueólogo e artista, crítico dos mais eruditos, foi este ano justamente escolhido para, com os seus vastos conhecimentos, acompanhar a Missão Estética de Férias, em Santarém.

— As Missões Estéticas de Férias — começou por nos dizer — instituídas em 1936 e cuja orientação a Junta de Educação Nacional cometeu à Academia Nacional de Belas Artes, estão ainda, julgamos nós, na sua fase experimental. Tem-se procurado, dentro dos limites da sua regulamentação e cumprindo quanto possível a ideia que as determinou, encontrar fórmulas e métodos que as integrem melhor na sua função complementar do ensino escolástico.

— Quantos artistas trabalharam este ano?

— Na Missão deste ano, em Santarém, onde trabalharam seis artistas — quatro pintores e dois escultores, provindo das escolas de Lisboa e Porto, diligencieei dar-lhes a noção exacta do espírito criador da lei, pondo-os em contacto com a região e preleccionando sobre as suas características estéticas.

E depois duma pausa:

— Como sabe, a ideologia da Missão é, essencialmente, pôr os estagiários em face do Património estético do país, para que eles conheçam e interpretem, consoante o seu temperamento artístico, as belezas naturais e monumentais de cada zona.

— E Santarém...

— Exactamente. Santarém — a capital do gótico — rica de monumentos, é, também, o centro duma região cheia de carácter, na paisagem, nos tipos,



nos costumes. Os «bairros», a charneca, a borda de água, que a linha de água do Tejo influencia profundamente, oferece aspectos impressionantes. O Ribatejo, zona primacial do distrito, tem uma sugestão especialíssima. Os moços artistas da Missão estão trabalhando bem integrados no seu ambiente. Espero que a Missão cumpra inteligentemente o seu fim.

— E onde fazem a exposição dos trabalhos?

— No fim deste mês, os escalabitados terão ocasião de ver a exposição dos trabalhos feitos e, seguidamente, vê-la-ão os lisboetas, como é da praxe. Numídio Bessone e António Santos, os escultores, Vasco de Lucena, Américo Marinho, Martins Costa e Amândio Silva, os pintores, têm trabalhado com gosto e vontade. Há ainda um agregado, Tavares Martins, amador de Santarém, que tem acompanhado a Missão. Desejarei de todo o coração que a Arte os propicie e a Fortuna os bafeje.

Deixamos Matos Sequeira, que os seus afazeres são múltiplos. Não queremos, porém, deixar de reforçar, sinceramente, as palavras do Mestre — desejando plenas felicidades aos artistas da Missão de Férias.

A vida e o sonho

TODOS têm na vida uma porção de sonhos. A chama do idealismo, que arde nas almas, abre novos horizontes aos caminharos da fantasia. Precisamos de ter, no além infinito, uma clareira, que é sol luzente, onde os nossos anseios corram céleres sem encontrarem o fim. O que seria, na verdade, a vida, se não houvesse uma esperança, um frêmito breve de poesia, um sonho, que de embriaguez em vertigem nos amparasse do desalento? Sonhar! Que mistério improfundável existe nessa doce magia dos sentidos! Todo o pensamento vibra, foge, caminha numa paisagem eterna de belezas.

Em cada estrada há uma rosa que iremos colher no braçado das fantasias. O homem é um semeador de sonhos, de imaginação ardente. Corre o mundo com os remos do pensamento. Em cada castelo deixa o brado do seu heroísmo, em cada centro o fogo da sua inteligência. E aí de nós quando o sonho se dissipa, se esvai na poalha cinzenta dum acordar mal humorado! Tudo então retoma os seus lugares. O que era valente é fraco, débil, vergando-se à emergência da vida; o que era rico, opulento, senhor, com criadagem submissa, abre os olhos na estreiteza do quarto, de paredes caiadas, com chitas nas janelas — e aquele que, a sonhar, dava ordens, anda todo o santo dia, numa roda-viva, a fazer recados a taxímetro.

E preciso pois, não deixar o sonho pegar-se muito aos olhos. A vida dos sonhadores é um martírio. Devemos saber que, para além do sonho, fica o dourar efêmero da fantasia.

O nosso cérebro é como uma forja que molda o pensamento. Pelo sonho o homem vence as alturas da poesia. O embate de ideias tem, para o sonhador, a efervescência dorida duma rima. O amor é uma canção. No próprio ambiente palra sempre o luminoso entreabrir de rosas que se beijam. Só a realidade tem, por vezes, asperezas brutais. Vamos contar um sonho. Que nos perdemos os que não sonham.

Reflorir, numa clara manhã, o sorriso de Genny. Carlos nunca a vira assim. Os dentes, brancos, certinhos, brilhavam como pérolas; toda ela era contentamento. Carlos, então, no leve silêncio do jardim, perguntou-lhe com meiguice:

— «Genny, queres ser minha mulher?»

Ela riu novamente. Ria muito, nervosa, agitada, com os olhos ardentes como fogo. Ele pegou-lhe na mão. Beijou-a. Andorinhas, em loucas espirais, corriam o espaço. O sol rebrilhava, sem nuvens. Uma revoadas de perfume encheu o ambiente. Novo beijo. Uma resposta. Dois lábios que se uniram. Bandos de andorinhas pairavam no azul infinito. O sol, mais a pino, espalhava na terra cintilações de prata. Cravos e amores-perfeitos, crisântemos e açucenas espalharam o aroma em redor. Quinze dias depois, numa igreja. Ela de branco, véu e flor de laranja; ele de casaca, polimento e o nervoso da ocasião. Três carecas, dois padrinhos, o latim dum padre, seis velhotas à porta, coscuvilhando. Trocam o anel, toca a marcha nupcial, parabéns, parabéns, parabéns. Lua de mel. O Minho, a Ponte de D. Luís, o Mosteiro de Alcobaça. Longa viagem em 2.^a classe. Sanduiches, alguns enjões, muita festa. Aqui acaba o sonho — e aparece a vida na sua realidade, que nada perdôa. Renda de casa, uma criada, almoço, jantar (o lanche está suprimido), água, gás, alfaiate, modista, sapateiro, porteira e outras verbas de surpresa.

Primeiro mês: certo desafogo. Daí a três meses: primeira zanga; ela levanta-se da mesa, porque não está para aquela pelintra. Ele continua trabalhando como um mouro. A criada é despedida. As couves, os feijões, o lume, o verniz das unhas, vem tudo misturado na panela da ração. Azedumes, troca de palavras, primeiros choros. Reconclinação: estrela dum vestido novo, duas idas ao cinema, um jantar fora. Entra nova criada — e saem algumas jóias para o Montepio. Primeiro filho: mamã, papá, uma roca, uma chucha, fraldas e pó de talco. Novos apertos económicos. Ligeiras zangas — algumas ameaças. E um dia, depois do trabalho, a Genny, sorridente, diz ao Carlos, com certa graça: — «E casámo-nos para isto? Tanto sonho para quê?»

E ele fica a pensar — no quê?

Nas andorinhas, nas açucenas, no primeiro beijo.

MANUEL MARTINHO

4 ACONTECIMENTOS EM 4 IMAGENS



Aterrou há dias pela primeira vez num aeródromo português um avião comercial belga. O facto merece o maior relevo pois constitui uma boa promessa para o futuro desenvolvimento das relações económicas entre Portugal e a Bélgica. Para comemorar o facto, o ilustre ministro da Bélgica em Lisboa, sr. André Motte, ofereceu no Avenida Palace, um «cocktail» a várias individualidades estrangeiras e portuguesas, tendo comparecido as principais figuras da colónia belga residente em Lisboa.



O Ministro da China em Lisboa, sr. Henry Kunghui Chang, convidou há dias para um almoço na Avenida Palace alguns jornalistas portugueses. A festa serviu para mais uma afirmação das boas relações sino-portuguesas. O nosso director, impedido de comparecer pelos seus afazeres profissionais, fez-se representar pela chefe de redacção desta revista, D. Manuela de Azevedo, que se vê na foto junto do distinto diplomata.



A exemplo de outros países, também em Portugal a colónia francesa está conjugando os seus melhores esforços para prestar auxílio, em alimentos e roupas, à população do seu país, que em quatro anos de ocupação alemã sofreu a mais dura praga da História. Com esse objectivo reuniram-se há dias em Lisboa numerosas senhoras francesas, que iniciaram os seus trabalhos sob a direcção dos srs. A. du Chayla, ministro plenipotenciário, e Ch. Corlier, cônsul da França em Lisboa.



Todos os países beligerantes têm tido em alto apêgo o esforço levado a cabo na presente guerra pela Cruz Vermelha Portuguesa. Desta forma, os auxílios para que bem possa desempenhar essa obra humanitária, têm surgido não só em Portugal como lá de fora. Recentemente realizou-se no Estoril uma festa luso-brasileira, cujo produto reverteu a favor daquela instituição. Na foto, vê-se o sr. Embaixador do Brasil visitando a Cruz Vermelha afim de fazer entrega do produto dessa festa.

ROBERT GAILLARD ESCRITOR E FANTASISTA ...

COMO E QUANDO O AUTOR DE "ELOS
DA CORRENTE" ESTEVE EM PORTUGAL

por EMÍLIO LOUBET



Robert Gaillard, o autor de «Elos da Corrente» quando em 1932 esteve no Porto.

EM Maio de 1932, Paris tinha o ar delicioso de Primavera profunda que faz florescer o Bois e alegre o coração das midinets. Eu tinha chegado num sud-express à hora em que a «gare» de Orléans acendia as lâmpadas eléctricas, e quando o «táxi» atravessou o Sena na ponte Royal, em direcção ao meu hotel, eu vi no reflexo do rio negro as mil luzes do «Quai Ma-laquais».

O colega Geo Poirier, cinéfilo até à medula, que me tinha ido esperar, enumerava já o itinerário dos nossos passeios, indicava as personalidades a entrevistar e ia desfilando a série de horas a perder em dancings e boites de nuit. No hotel, enquanto dispunha a bagagem, escreveu mesmo um longo «linguado», e como eu achasse que a última parte do «programa» — visita, aos cabarets de Montmartre — devia talvez ser a primeira a cumprir-se, o bom do Poirier, metódico e pouco estroina, incapaz de perder uma noite ou desperdiçar uns francos mal gastos, sorriu e providenciou:

— Muito bem. Amanhã já cá trago o Gaillard...

E foi assim que, na noite seguinte, logo após o café, apareceu a perguntar por mim ao porteiro um rapaz forte, mexido, que disse chamar-se Robert Gaillard.

O bom do Poirier não desejando quebrar a sua pacatez, e para se não tentar, conhecendo bem a «fôrça» pândega do seu amigo e camarada, mandou-o sozinho procurar-me ao hotel...

A primeira vista, Robert Gaillard, de fortes óculos miópes e olhos achinezados, cor macilenta, barba rala e certo «tito» nervoso nos lábios grossos, poderia parecer um indivíduo doente ou pelo menos não gozando de muita saúde. A sua forte complexão e o permanente ar alegre, desmentiam esse seu aspecto, tornando-o logo após as primeiras horas de convivência, um admirável copain, sempre de bique pronto, resolvendo todas as dificuldades e divertindo-se com os mais insignificantes contrastes ou com as mais vulgares situações. A sua estadia na tropa era prova da sua robustez, e a preferência que os camaradas davam às suas anedotas transformavam-no em enfant-pâté das redacções.

E do que foi a minha estadia na maravilhosa Paris, sempre com o Gaillard inventando passeios e notidades, não cabe aqui um simples resumo, dedicada como é esta reportagem-recordação a contar a passagem de Robert Gaillard por esta miú nobre e invicta cidade da Virgem... Gaillard era então repórter no «L'Ami du Peuple», um dos órgãos da direita que Coty, o dos perfumes, financiava principescamente. Se bem que de política diferente — Gaillard seguia a facção da esquerda de que Paul Banceur era o «leader» — cumpria como bom profissional e tinha a valiosa simpatia do chefe da redacção. Todas as noites nos encontramos no restaurante «La Grille», na rua Faubourg Montmartre, quase em frente ao edifício do jornal onde se juntavam também alguns dos mais ilustres escritores franceses dessa geração.

Quando o serviço não o deixava ser rigorosamente pontual, eu ficava de conversa com os colegas ou com a Simone, filha da dona da casa, que nas horas vagas fazia caricaturas, bebericando lolras cervejas e fa-

lando do Porto, que todos conheciam dos rótulos das garrafas, como bairrista que se preza, e de Portugal, como bom patriota.

Muitas vezes o Gaillard me ouviu grandes elogios ao meu país, à sua paisagem sem igual, à sua história, à beleza das suas mulheres, à alegria da sua gente, que não é capaz de desmentir nunca o velho aforismo francês que diz que *les portugais sont toujours gais...*

Certa tarde, o camarada Gaillard comunicou-me o propósito de aproveitar as suas férias numa viagem a Portugal. Tinha convencido a mãe, uma simpática senhora que preferia o sossego dum mês de descanso numa vilória da Normandia à perspectiva duma longa viagem até à extremidade ocidental da Europa, a acompanhá-lo ao Porto onde eu os esperaria. A minha propaganda estava a dar resultados.

O mês de Junho, festivo e agradável, foi o indicado por mim, que temia não poder proporcionar-lhes nesta pequena e burguesa cidade, alguma coisa, já não digo melhor, mas pelo menos diferente do que eles tinham todos os dias na mais surpreendente das cidades da Europa.

E uma noite, no mês de S. João, do ano de 1932, lá fui à estação de S. Bento esperar os dois simpáticos visitantes: Madame Gaillard e seu filho.

* * *

ROBERT Gaillard confessou-me imediatamente o desejo de aproveitar a sua estadia no Porto para escrever no jornal onde trabalhava uma série de crónicas focando aspectos da vida portuguesa.

Assim, proporcionei-lhe os motivos mais pitorescos e mais caracteristicamente nacionais, levando-o a percorrer o Barredo em noite de luar, até aos velhos arcos da Ribeira, junto ao Douro, e aparecendo no Palácio de Cristal em noite de S. Pedro com a parada de elegâncias que ali fazem *rendez-vous*; foi a todos os teatros e a todos os cinemas, e só para ele, em balúda ordinária, improvisou-se uma sessão de fado com guitarristas e canecas de vinho verde. Subiu o rio até ao Sousa, e não deixou de visitar os lindos arredores da cidade, demorando-se a contemplar os panoramas que se gozam dos montes da Virgem e do Crasto, um pouco superiores — vá lá! — aos que se podem admirar do Sacré-Cœur ou da Torre Eiffel...

Certa noite de romaria assistiu a uma serenata de estudantes para os lados da Ponte da Pedra e maravilhou-se com o fogo de artifício dos pirotécnicos de Viana, que não têm rival e que tanta falta faziam então nas destumbrantes festas nocturnas dos jardins de Versailles.

Gaillard interessou-se desde logo pelos costumes portugueses. Com grande curiosidade pelas coisas lusitanas, diante de todos os monumentos que visitou, quis saber a história ou a lenda que a esses monumentos andava ligada.

Na Sé, nas muralhas da cidade, no Palácio das Carrancas, em toda a parte, afinal, onde a narrativa fazia qualquer referência aos franceses seus compatriotas, Gaillard tomava apontamentos num pequeno livro e prometia sempre não esquecer de o indicar nas suas crónicas. De facto, depois do seu regresso a Paris, o «L'Ami du Peuple» publicou algumas crónicas sobre Portugal, tratando especialmente o Porto, que fizeram rir quantos conheciam a nossa terra e provocou da minha parte um longo artigo de protesto. Ou Robert Gaillard perdeu o livrinho de apontamentos, e com fraca memória escreveu todas as fantasias que lhe vieram

à cabeça, ou quis fazer pasmar o parisiense, leigo em geografia, com as suas sensacionais revelações a que faltava ponta por onde se lhe passasse.

Alguns anos depois, Robert Gaillard fazia publicar pela Editora Colbert, de Paris, um romance de aventuras a que deu o título de «L'Aventure Portugaise» e que de português só tem o título e vagas referências ao Porto. De efabulação fraca e sem

verosimilhança, passa-se numa aldeia nas proximidades de Barca d'Alva chamada... Puebla, e os principais personagens da *aventura* são uma cigana e um jornalista francês. O médico da aldeia tem o nome de Francisco Cerra, e o estudante que usa capa e batina e toca guitarra para a cigana dançar dá por Orfeu dos Anjos da Costa e serve vinho

(Continua na pág. 16)



Na «gare» de S. Bento, Gaillard e sua mãe tiveram uma afectuosa despedida por parte de alguns dos seus camaradas portugueses.



O BAIRRO DA ÓPERA

(Vista tirada dum balcão, na qual se mostra como o traçado das ruas e o plano dos monumentos foram estudados de maneira a conciliar a unidade e a variedade)



A majestosa Praça da República

REVELAÇÕES DA MEDICINA

A HISTÓRIA MARAVILHOSA DA PENICILINA

S E a 8 de Junho, os jornais não estivessem tão ocupados com a publicação dos telegramas sobre os primeiros desembarques anglo-americanos na Europa, teriam, certamente, dado o merecido realce a duas notícias chegadas nesse dia.

Uma delas provinha de Londres e anunciava que na lista das condecorações concedidas por ocasião do aniversário de Sua Majestade Britânica figuravam os nomes dos professores Fleming e Florey, os quais descobriram e aperfeiçoaram esse remédio maravilhoso a que foi dado o nome de *Penicilina*. O soberano inglês agradecia, assim, aos seus dois subditos os benefícios que eles tinham trazido à humanidade com a sua descoberta.

A outra notícia chegou da América e o seu significado ainda se revestia de maior transcendência do que a primeira. Os laboratórios dos Estados Unidos comunicavam ao mundo que se iniciara a produção em massa da penicilina, em virtude de terem entrado em laboração cerca de vinte e uma fábricas, as quais passariam a fornecer, aproximadamente, 100 bilhões de unidades mensais, calculando-se que em fins de este ano se atingissem os 200 bilhões.

A importância de tal comunicação era fácil de explicar. A penicilina que, até há pouco estava monopolizada pelas forças militares anglo-americanas, ia passar a ser manufacturada de modo a poder ser dispensada para o tratamento de civis.

A chegada a Portugal de 700 ampolas com o precioso medicamento e a notícia de que se propôs a atribuição do Prémio Nobel da Medicina ao professor Alexander Fleming sugeriram-nos a ideia de dizer ao grande público o que é a penicilina, a quem se deve e como foi descoberta, e quais as doenças em que já foi experimentada com êxito.

A penicilina só emergiu dos laboratórios como uma das mais potentes armas até hoje aparecidas para combater as infecções em 1943.

Usamos deliberadamente a palavra «aparecida». Na mente do leigo, a palavra «descoberta» evoca imediatamente as visões de Arquimedes ao deduzir o princípio da hidrostática quando tomava banho, de Newton ao deduzir a lei da gravidade pela queda duma maçã, e de Galileu ao deduzir as leis do pêndulo quando viu balançar uma lamparina na Catedral de Pisa.

Se, na verdade, estes passos em frente para o progresso dos conhecimentos humanos foram ocasionalmente realizados, não nos interessa discutir agora; porque, a verdade é que tais rasgos de inspiração desempenharam apenas um papel secundário no processo que tornou possível o aparecimento do novo produto medicinal.

No entanto, a história da penicilina mostra claramente que as modernas «descobertas» da ciência médica tanto podem ser devidas ao factor sorte como ao génio individual, mas na maior parte das vezes resultam do trabalho contínuo e intenso de várias equipas de investigadores.

Para compreendermos, convenientemente, como a penicilina apareceu no mundo, necessário se torna recuarmos, pelo menos, até à época em que viveu Louis Pasteur. Foi este grande químico francês quem notou, em 1877, que uma bactéria de determinada espécie não se desenvolvia na presença duma outra de espécie diferente e, em vista disto, procurou utilizar esta descoberta no desenvolvimento da terapêutica.

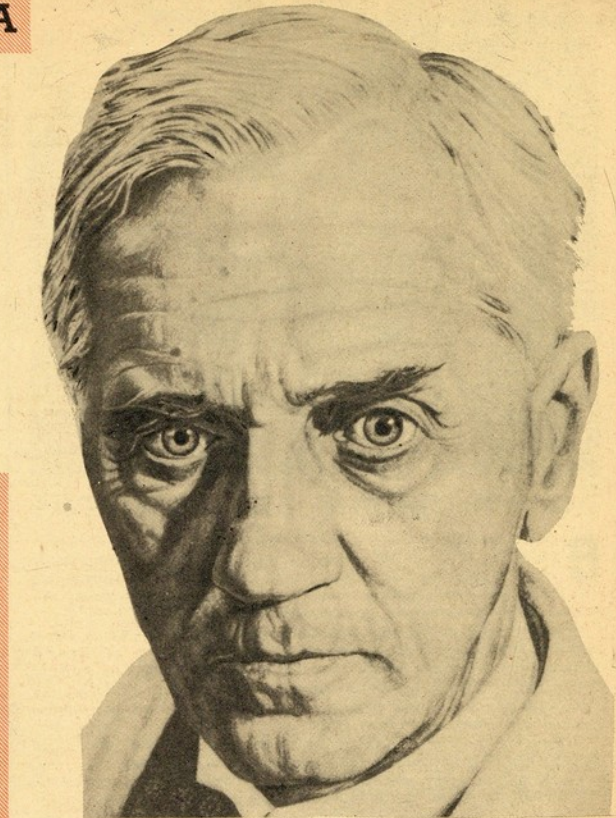
De investigação em investigação, verificou que os efeitos destruidores dum micro-organismo eram causados por substâncias químicas produzidas por outro. E passou a chamar, a essa substância, antibiótico.

Durante o meio século que se seguiu, descobriram-se vários outros antibióticos e, Ermerich e Loew tentaram usar alguns deles no tratamento do antraz e da difteria. Porém, a mistura elaborada por estes cientistas, e a que foi dado o nome de plicianase, não resultou na prática.

Porém, em 1908, formava-se em fisiologia, farmacologia, medicina, patologia, medicina forense e higiene, um homem que mais tarde viria a ser apontado como um dos maiores sábios ingleses deste século. Esse homem chamava-se Alexander Fleming.

Imediatamente, após ter acabado o seu curso, o Dr. Fleming começou a trabalhar no laboratório de patologia do Hospital de S.^{ta} Maria sob a direcção de Sir Almroth Wright, o qual soube aguçar o interesse do jovem médico pelo estudo da destruição das bactérias pelos corpúsculos brancos do sangue.

Quando rebentou a guerra de 1914-1918, o Dr. Fleming seguiu para França



como capitão-médico e notou que os processos antissépticos então usados (principalmente a Solução Carrel-Dakin) eliminavam os corpúsculos brancos do sangue mais fácil e rapidamente do que as bactérias. E, nalguns casos até, as substâncias antissépticas utilizadas, originavam infecções em consequência da destruição das defesas naturais do organismo.

Terminado o conflito, o Dr. Fleming voltou ao seu laboratório e às suas lições, mas uma ideia nova lhe germinava no cérebro: procurar descobrir uma substância antibiótica que eliminasse as bactérias sem prejudicar os tecidos animais.

O primeiro antibiótico descoberto pelo Dr. Fleming foi o lisozima, substância que se encontra nas lágrimas e na clara do ovo, e que tem a propriedade de dissolver algumas bactérias, a maior parte das quais inofensivas. Passava-se isto em 1922.

Todavia, por volta de 1928, o professor Fleming que, nessa altura regia a cadeira de bacteriologia da Escola Médica do Hospital de S.^{ta} Maria na Universidade de Londres, em prosseguimento das suas pesquisas, começou a dedicar-se, ao estudo de culturas de estafilococos, numa das quais, certo dia, encontrou uma camada de bolor.

Era um incidente vulgar, semelhante a tantos outros ocorridos inúmeras vezes nos laboratórios. Mas, esta cultura apresentava um aspecto muito curioso que despertou o interesse do Dr. Fleming.

Em volta da colónia do bolor, o cientista notou que as colónias de estafilococos estavam em dissolução. A propagação dos micróbios tinha sido, portanto, evitada por qualquer coisa existente naquele estranho fungo.

No intuito de prosseguir nas suas investigações, mergulhou um anel de platina dentro do bolor e retirou uma pequena quantidade do líquido produzido para um tubo de ensaio. Uma semana depois, formara-se na boca desse tubo uma substância parecida com o feltro e no fundo aparecera um líquido turvo.

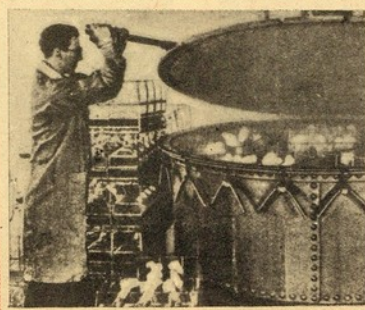
Pouco depois, o Dr. Fleming determinava que o tal líquido desconhecido não era venenoso, não prejudicava a formação de novos leucócitos e, na eliminação dos micróbios, era duas ou três vezes mais poderoso do que o ácido carbólico puro.

No ano seguinte, o Dr. Fleming reuniu tudo o que conseguira descobrir a este respeito e expôs as suas experiências e impressões no *Jornal de Patologia Experimental*. E, como tivesse chegado à conclusão de que o novo bolor

(Continua na pág. 14).



A Penicilina é um líquido que se desenvolve da substância bolorenta contida nestas garrafas de vidro.



A Penicilina obtém-se em longos e meticulosos trabalhos de Laboratório, entre eles conta-se a fase da esterilização de substâncias nutritivas em grandes autoclaves.



A composição da Penicilina é sais minerais e açúcar; depois de preparada o soro é guardado em garrafas esterilizadas.

COCKTAIL



Sabem quem é esta senhora?

I seu nome não diz nada: «Miss» Judith O'Lary. Tem setenta e dois anos, se bem que não pareça, e uns pulmões e um coração de ferro. Nasceu na Suécia, mas como os seus pais se transplantaram para Nova-York, «Miss» Judith O'Lary passou a ser cidadã americana. Casou já duas vezes, e os maridos morreram tuberculosos.

Aparentemente, a biografia desta senhora parece que não tem o menor interesse. Mas lembrem-se de que ela já conta 72 anos e que os seus pulmões e seu coração são de ferro, como declaram todos os médicos que a observam. A que se deve tamanho vigor? Qual a causa do seu esplêndido aspecto? Porque razão os dois maridos morreram tuberculosos e ela conserva uma saúde inalterável?

Esquecia-nos de dizer que «Miss» Judith O'Lary fuma como cinco homens juntos. E de charuto, como podem ver na fotografia.

Ao jornalista americano que a entrevistou, «Miss» O'Lary respondeu: — Porque tenho tão boa saúde? Por fumar muito. Fumo charuto desde os dez anos, e isto tem-me dado esplêndidos resultados. Uma vez, o meu pai bateu-me para eu perder este vício. Estive quatro dias sem fumar. E sabe o que me aconteceu? Apanhei uma pneumonia que me ia matando. Mas voltei ao meu charuto e, pouco depois, estava restabelecida.

— Escute, «Miss» O'Lary — tornou o jornalista. — Mas toda a gente diz que o fumar faz mal aos pulmões.

Ela riu-se e deu dois sócos no peito como o Tarzan:

— Pois sim! Mas a minha saúde é de ferro. A prova disso está em que os meus dois maridos morreram tuberculosos e eu não tenho nem nada tive.

— E porque morreram eles?

— Porque não fumavam!

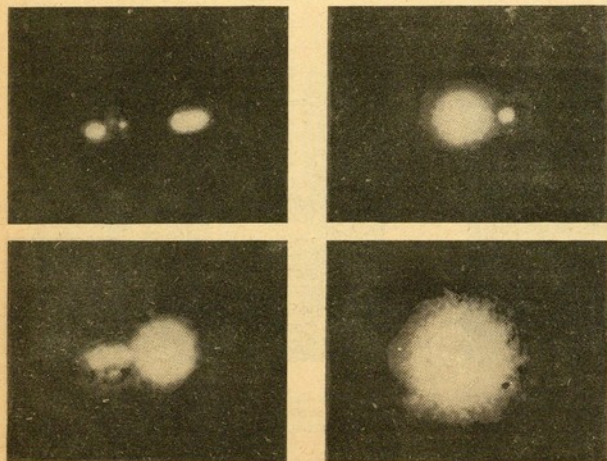
E o jornalista concluiu a entrevista com estas palavras:

«Na verdade, aquela mulher é extraordinária. Nenhuma outra, com 72 anos, teria tanto vigor. Vi-lhe os músculos. Parece um «boxeur». Dentro do cinzeiro estavam várias pontas de charutos. Fuma dez por dia. Mas eu desconfio que os dois maridos de «Miss» O'Lary não morreram por não fumar. Morreram, sim, intoxicados pela fumarada que sai constantemente dos charutos desta venerável anciã...».

E quem sabe, na verdade, se o jornalista não terá razão?...

AS BOMBAS VOADORAS...

O povo de Londres respira, aliviado. Foi ganha a segunda batalha da capital. Dias de ansiedade, de horror e de morte. Milhares de bombas tombaram sobre Londres, semeando a destruição e o pânico. Um operador cinematográfico colheu estas quatro imagens de uma bomba voadora, até ao momento de ser explodida pela intervenção de um «Spitfire».



ACONTECEU NA COLOMBIA

BUCARAMANGA é uma pequena cidade colombiana. Cidade pacata, sem arranha-céus, sem grandes fábricas, sem grandes complicações. Mas aconteceu, há tempo, um facto tão novo e tão inesperado que deu que falar à imprensa e pôs a cidade em alvoroço.

Foi o caso que, certa manhã, apareceu na esquadra de polícia, uma pudibunda senhora, de nome Ana Sales, a queixar-se contra um senhor cujo nome indicou. Esse senhor tinha feito, segundo seu entender, uma coisa horrível que manchara a honra, a sagrada, a virtuosíssima honra de sua extremosa e benquista filha, a menina Tili Sales.

— O que foi? — interroga o polícia, pronto a lavar o auto.

E, de lágrimas nos olhos, a pre-conceituosa senhora Sales conta que um facinora, um pretendente à mão de sua filha, teve a orrójo, a audácia, a pouca vergonha de dar um

beijo na sua Tili sem lhe pedir, primeiro, o seu consentimento, nem o dela, sua extremosa e protectora mãe.

É certo que esta queixa, tão rara, tão fora do habitual, mereceu, de igual forma, a justa apreciação do chefe da polícia.

Folheou papéis, códigos, tratados, a ver em que artigo estava inculcado o temível «beijador», mas tudo foi trabalho inútil, porque os papéis, as leis, os compêndios, os tratados, não previram que uma gorda senhora, de nome Ana Sales, se fôsse queixar, furiosa, contra um facto tão natural, tão simples e... e tão sabroso.

A pobre senhora partiu sem que nada se pudesse fazer. A imprensa humorista, como seria de calcular, agarrou-se ao caso e troçou d'ele nas suas páginas. Um dos jornais aconselhava, como castigo para o «beijador», dar um ósculo, um simples e pacato ósculo na testa da futura sogra.

O castigo parece-nos pesado de mais. Serão da mesma opinião?...

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

A guerra aproxima-se do seu ponto final. Fala-se de paz, de novas organizações para a defesa da integridade dos pequenos países. Oxalá a vitória não torne os dirigentes dos países vencedores tão docemente felizes que esqueçam que a repetição de uma tremenda catástrofe como a actual se pode tornar a repetir.

O primeiro país a ser libertado foi, também, o primeiro país a ser

agredido. Esta fotografia, que é um documento histórico, mostra-nos um dos muitos quadros de tragédia que se presenciaram na Abissínia. Que o mundo não os esqueça! Só assim futuros casos semelhantes poderão ser evitados. A paz traz o regresso ao lar. Mas é necessário que as forças do mal fiquem exterminadas de vez!





Com o aproximar de Outubro, começa o insistente cair da folha. De cada ramada se desprende, ao menor arpejo, uma pequenina e amarela folha morta que vem tombar sobre a terra em volta da árvore em que nasceu. Em breve cada ramo erguerá para o céu os seus braços nus suplicando que uma nova primavera floresça, em cada árvore, um copado sorriso verde. Sim! Nós sabemos que há ramadas que nunca perdem nem a folha, nem o viço — por exemplo Ramada Curto — mas fazem parte das excepções...

CAÇADORES



No dia 15 de Setembro abriu a caça. Como diria o Diário de Notícias, nessa data souu a hora H para coelhos, lebres e aves. Desde o dia 15 de Setembro até agora, quantas vítimas terão sucumbido, por esse país fora, à raia dos nossos caçadores de campo e terra e, dizemos de campo e terra porque há outros — os de prato! Esta guerra no solo e no ar vai existir durante alguns meses inexoráveis e não falta quem diga que os «agredidos» vão pedir a intervenção da «Sociedade das Nações». Se assim for, é mais que certo isto: não escape nenhum!

ILUSÕES



Conta-se que uma senhora pertencente à nossa sociedade (e que nada deve à beleza) encontrando o padre Moreira das Neves lhe perguntou, com a mais firme das naturalidades:

— Ontem quando me vi ao espelho achei-me bonita. Diga-me, sr. padre Moreira das Neves, acha que eu pequei com este pensamento de vaidade?

Logo Moreira das Neves, sorrindo:

— Não se preocupe com isso. Uma ilusão não é pecado!

DICIONÁRIOS



Conhecem com certeza António Lopes Ribeiro! Nem admira — porque a sua figura física, cinematográfica, teatral e literária se tornou familiar no nosso chiado do espírito. O que talvez não saibam é uma coisa: é que António Lopes Ribeiro coleciona Dicionários. A sua colecção é uma das mais compridas que conhecemos. Abrange duas dezenas de metros de estantes. Sobre essas estantes bem se poderá colocar esta legenda:

— Verte-se de e para... sôdas as linguas!

CIUMES



Os crimes provocados pelo ciúme continuam a suceder-se com uma agressiva pontualidade. Como se a sombra de Werther pairasse ainda, feita asa negra, todos os dias se mata e se morre... por amor. Diziam, há anos, um médico ilustre que era idêntica a proporção das vítimas produzidas pelo sarampo e pelo ciúme. Que dirá hoje a estatística médica?



(Caricatura de Santana)

OBSTETRICISMO

A caricatura de Santana, sob a qual escrevemos estas palavras, dá-nos o dr. Costa Sacadura — física e psicologicamente. Está ali todo: alma e barba. Inútil e supérfluo pretender completar aquilo que consideramos completo. A pena neste caso não chegaria aos calcanhares do lápis. Falar do clínico, do professor, do homem da sociedade, seria ainda uma excrecência, visto que, sob estes aspectos, os leitores destas linhas o conhecerão porventura melhor do que nós — e não se ensina, conforme as boas regras, o Padre-Nosso ao vigário. Só há uma coisa em que não estamos de acordo: é com o nome do caricaturado. Lá Costa Sacadura, não! Este nome não corresponde à verdade dos factos. E não é este homem um clínico obstétrico? É. Passa ou não passa este homem a sua existência arrancando à Mãe Eva os seus estimáveis frutos? Passa. Então o nome que lhe está a rigor não é Costa Sacadura — é Costa Saca-rôlhas...

LUVAS

A luva foi de velha data considerada uma expressão de requinte, de distinção e de nobreza. A pragmática da luva foi mesmo, durante largo tempo, uma coisa delicada e complexa. Calçar umas luvas ainda hoje não é para toda a gente — à semelhança do que sucede com a casaca, o monóculo e o charuto. Um belo dia houve quem, democraticamente, a quisesse pôr de parte. A luva invocou os seus pergaminhos, reagiu — e venceu. Já agora, creio, que a luva será eterna, não apenas investida no papel de preservar do frio as nossas mãos, mas também no de calçar de elegância a nossa pessoa. O que é mais curioso — e chega mesmo a ser paradoxal — é que o homem e, sobretudo a mulher, vão buscar esta partícula de distinção a muitos animais que não podem, socialmente, considerar-se distintos. Refiro-me, por exemplo, ao rato cuja pele parece ser, neste momento, a última palavra da moda para luvas de senhora. Ainda não há muito as mulheres ao verem um rato desmaiavam: agora vestem da sua pele. Tudo muda. O certo é que em face da nova moda, perante a perigosa hipótese de Adão ficar preso na pequenina mas perversa «mão de rato», que Eva voluptuosamente lhe estenda, só encontro uma solução: nós, homens, passarmos a desde já usar luvas de pele de gato...

GALANTARIA HERÓICA



Há pequenas anedotas que valem tratados de psicologia. Esta, por exemplo:

Um espanhol travou-se de razões com um português.

Motivo: a guerra. Palavra puxa palavra, acabaram por se agredir mutuamente com inabalável fervor. Mas o espanhol não levou a melhor. Separados os contendores, o patrício de D. Quixote voltou-se para o nosso compatriota e perguntou-lhe, ageitando a gravata e o colarinho descompostos:

— Onde é a sua terra?

— Em Elvas, porque? — exclamou de má catadura o seu antagonista.

— De Elvas? Cá me queria parecer... Se não tivesse nascido perto de Espanha não era tão valente...

EXPOSIÇÕES



Artur Portela foi, há tempos, a uma exposição que se realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes. Eram muitos os pintores que expunham e,

embora houvesse por ali quadros dignos de menção, nem tudo era evidentemente notável. À saída, um colega dos jornais encontrando Portela perguntou-lhe:

— Que tal te pareceu a exposição?

— Vê-se — respondeu-lhe o jornalista.

— E que pintor preferes? — perguntou-lhe o outro.

Logo Portela, sem hesitar:

— Vellasquez!

ANTERO E O PAR DE BOTAS



Tivemos, há pouco, conhecimento dum pormenor curioso da vida boémia de Antero do Quental. O poeta possuía uns pés enormes: as suas botas tinham de ser, necessariamente, enormes. Antero teve, porém, nos seus tempos de Coimbra, umas botas ainda muito maiores do que os pés. Eram um autêntico monumento de couro preto e ferrado. Quando Antero deixou a cidade do Mondego legou aquelas imensas botas a Manuel de Arriaga com esta dedicatória: «Ao meu amigo mais íntimo esta recordação delicada».

UM CONGRESSO



As atenções do mundo voltam-se, neste momento, para o Congresso que se está realizando na Rinchôa, sob a presidência de Leal da Câmara,

e em que se reuniram, para tratar dos seus interesses, Mem Martins, Mercês, Algueirão e outras poderosas nações saloias. O que irá sair deste Congresso, porventura um dos mais notáveis deste século? Dar-nos-á ele um novo panorama do Universo — ou simplesmente alguns pacotes de tradicionais queijadas de Sintra?

HISTÓRIA DA GUERRA

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI

Países ocupados — Noruega

O dia 11 de Junho de 1940 marca uma data capital na história da Noruega e na evolução das suas relações com o Reich. O povo norueguês chegara a pensar que as disposições da Convenção de Hala poderiam ser observadas durante o período, que se calculava curto, da ocupação alemã. A evolução da guerra no ocidente parecia encaminhar esta no sentido duma decisão rápida. A invasão da Noruega havia sucedido a invasão da Holanda, da Bélgica e, por fim, a expulsão dos ingleses do continente. A derrota espectacular do exército francês, ao fim de quarenta dias de luta, criara a convicção de que a Wehrmacht era uma poderosa máquina de guerra a que nada no continente poderia opor-se com eficácia.

Por outro lado, as autoridades de ocupação, a fim de fazerem cessar o mais rapidamente possível a resistência no interior do país, pois enquanto esta se prolongasse a luta no ocidente não poderia ser decidida, afirmavam o seu propósito de respeitarem escrupulosamente as prescrições do direito internacional e as leis do país. O comportamento das tropas de ocupação dava inteira verosimilhança a estas declarações dos dirigentes responsáveis. Os soldados adoptavam uma atitude perfeitamente correcta nas suas relações com a população civil, e os seus chefes não se cansavam de afirmar que, logo que os ingleses tivessem sido expulsos do continente, a Noruega recuperaria a sua independência. Os ingleses eram o principal inimigo que se tornava indispensável bater no seu próprio território, depois de serem expulsos da Europa continental. O receio de que a Noruega fizesse com eles causa comum, contra os interesses superiores do Reich, era, na opinião dos chefes militares da ocupação, o único motivo que fazia prolongar esta por mais algumas semanas. Uma vez liquidado o incidente inglês, a Noruega voltaria a ser uma nação livre e independente, de acordo com a vontade do seu povo e em obediência aos seus direitos históricos e às suas tradições seculares. Estes sentimentos, afirmados publicamente, bastam para justificar o período de indecisão em que o povo norueguês viveu durante aquelas semanas do Verão de 1940, nas quais o seu destino estava a ser jogado longe do território da pátria.

O DIA 11 DE JUNHO DE 1940

Porque indicamos nós o dia 11 de Junho de 1940 como uma data histórica na vida da Noruega? Porque foi nesse dia que o equívoco criado pela ocupação se transformou numa hostilidade irreparável entre alemães e noruegueses. Quando se completou a ocupação do país e se tornou necessário organizar a sua administração em moldes estáveis, os noruegueses entenderam que o Conselho de Administração provisório, criado em Oslo, era manifestamente insuficiente para o desempenho desta missão, desde que ela tinha de se alargar à totalidade do território nacional.

Por isso uma comissão de representantes de todos os partidos políticos do país se dirigiu às autoridades de ocupação pedindo-lhes que a constituição daquele conselho fosse alargada e a sua jurisdição tornada extensiva a toda a Noruega. Mas os noruegueses que formulavam esse pedido não reparavam que a situação militar sofrera uma transformação radical. Os ingleses haviam evacuado Dunkerque e a França estava em vésperas de pedir um armistício. Os exércitos alemães haviam ganho a batalha do ocidente, e esse facto modificara, não apenas os seus planos, mas também as suas intenções. Estas tinham perdido a feição conciliatória, de que se haviam revestido de começo, e tinham-se tornado mais rigorosas e exigentes.

O pedido foi indeferido e os seus autores não tiveram autorização para revelarem sequer que o tinham feito. As autoridades de ocupação aproveitaram a oportunidade, que assim lhes era oferecida, para revelarem que chegara o momento de proceder a uma revisão completa dos métodos de administração na Noruega, os quais, com a sua aquiescência, haviam sido estabelecidos apenas algumas semanas antes. Em 13 de Junho, quarta e oito horas depois de ter sido formulado o pedido dos representantes dos partidos noruegueses, as autoridades de ocupação decretaram que era necessário anular completamente as autorizações dadas pelo «Storting» ao rei e ao governo em 9 de Abril, data da invasão, autorizações que tinham servido para justificar a constituição dum governo norueguês em Londres e explicava a sua acção desenvolvida em defesa da independência da nação norueguesa e da soberania do seu povo.

AS DIVERGÊNCIAS ACENTUAM-SE

Mas as exigências alemãs foram consideradas verdadeiramente inaceitáveis quando as autoridades de ocupação revelaram que além da anulação das decisões tomadas pelo parlamento em 9 de Abril desejavam que o rei fosse destronado e o seu governo destituído. Se estas condições não fossem aceites dentro de quatro dias, o «Storting» seria dissolvido e o Conselho de Administração substituído por individualidades do partido Quisling, às quais ficaria confiado o encargo de governarem o país sob a fiscalização directa dos alemães. O «Storting» antes de rejeitar completamente estas condições procurou discutir-las e estabelecer uma plataforma de acordo que per-

mitisse ao país uma vida normal, pois era evidente que um rompimento imediato não deixaria de se traduzir por consequências desagradáveis para a população.

Os negociadores noruegueses propuseram, portanto, que a decisão do «Storting», legítimo representante da nação, dependia da atitude do soberano ao qual os seus membros continuavam a ser fiéis. A consulta feita ao soberano recebeu d'este uma recusa formal. O rei Haakon recusou-se a abdicar, considerando que a sua decisão era a que mais convinha à defesa dos interesses da nação. A sua atitude foi recebida na Noruega, onde, entretanto, as relações entre a população e as autoridades ocupantes não tinham deixado de se agravar, com uma onda de entusiasmo popular que demonstrava até que ponto o rei era o intérprete fiel dos sentimentos profundos do seu povo. Naquela altura os alemães, empenhados em liquidar a resistência britânica na ilha, não deram andamento aos seus projectos e o assunto ficou aguardando uma oportunidade melhor para ser definitivamente solucionado. Entretanto, os partidos políticos punham-se de acordo para uma acção comum a empreender perante o novo estado de coisas. Em 24 de Agosto foi criada uma comissão central com representação de todas as organizações políticas, à qual deram rapidamente a sua adesão os organismos económicos e corporativos do país, a fim de se constituir uma frente única que traduzisse as aspirações nacionais junto das autoridades de ocupação. O comissário do Reich impediu o funcionamento dessa Comissão e preparou-se para a nova fase das negociações.

A DESTITUIÇÃO DO REI

As negociações recomençoaram efectivamente em 7 de Setembro. As condições que já anteriormente haviam posto, os alemães acrescentaram mais uma que era de molde a fazê-las malograr desde o primeiro momento. Exigiam eles que o partido Quisling tivesse uma forte representação no novo governo, embora soubessem que não correspondia a uma forte corrente de opinião pública no país.

O «Storting» foi congado, mas o direito de discussão das propostas alemãs foi vedado em sessão conjuntas das duas casas do parlamento. A discussão devia realizar-se em reuniões separadas, e cada um dos partidos políticos representados devia emitir a sua opinião sem conhecer as dos restantes. Esta condição visava a separar as forças de resistência política e a impedir que a frente única preparada com a declaração conjunta das organizações partidárias influísse nas decisões a tomar e desse a estas do lado norueguês um carácter de unanimidade.

O Comissário do Reich aplicava uma tática que consistia em dividir para estabelecer na Noruega o predomínio das autoridades de ocupação sem sobressaltos nem protestos da população. Apesar destas restrições não foi impossível organizar entre os representantes do povo sueco uma maioria suficientemente forte para votar a destituição do rei Haakon, condição fundamental para a satisfação dos pontos de vista dos alemães.

A falta dessa maioria, foi o Comissário do Reich que teve, mas sem o concurso dos noruegueses, de adoptar as providências que esperava ver adoptadas pelos habitantes do país e pelos seus representantes legais. Num discurso radiodifundido em 25 de Setembro, Terboven anunciou que o rei fôra destituído e com ele os restantes membros da família real, e que o governo fôra demitido por ter abandonado o país num momento crítico da sua existência.

O Comissário do Reich anunciou mais que todas as organizações políticas norueguesas deviam considerar-se dissolvidas, com excepção do partido Quisling. Em substituição do Conselho de Administração foi criado outro composto por treze membros, dez dos quais pertencentes ao partido Quisling, aos quais foi confiado a administração do Estado.

(Continua)



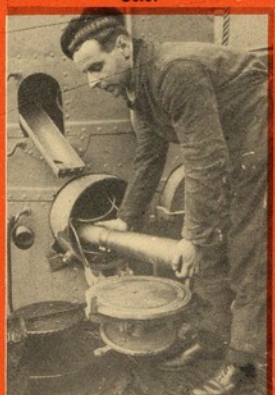
O rei Haakon e a família real foram destronados: à esquerda, o príncipe Marta, e à direita o príncipe Olavo.



Numa manifestação oficial, Quisling, chefe do governo norueguês, e Torven, comissário do Reich.



Numa corajosa manifestação, os noruegueses, a 17 de Fevereiro de 1943, evocaram as suas vítimas de guerra, pintando cruzes por toda a parte, como se vê na Prefeitura Central da Polícia de Oslo.



Uma das recentes aquisições para as forças de submarinos, foi o «Ula», da classe do «Uredd», adquirido a expensas do rei.



No exílio, principalmente espolhados pela Inglaterra, os noruegueses trabalham na construção dos seus barcos.



Reflexões semanais

Do volfrâmio
e dos volframistas

SENDO o Pôrto a capital do Norte e sendo o Norte a região do País em que os jazigos do minério, principalmente, se localizam, que admira que o Pôrto houvesse sido, durante o reinado do volfrâmio, a côrte dos volframistas? Saindo para o mar pela barra de Leixões, o minério requeria a presença, na segunda cidade portuguesa, de quantos com ele traficavam, já que a tarefa de exportação, bem considerada, não era menos importante do que a da exploração. As empresas que à indústria e ao comércio do volfrâmio se consagravam tinham no Pôrto as sedes ou as delegações. O Pôrto era, na realidade, o entreposto do minério — e é óbvio que as mais vultosas transacções se efectuavam aqui.

Durante alguns anos, o coração e o cérebro dos negócios do volfrâmio funcionaram no Pôrto. Não se julgue, porém, que só nos escritórios confortavelmente estabelecidos das empresas especializadas se compunha a sinfonia dos negócios nacionais e internacionais em que o precioso e vil minério constituía o *leit motiv*... Nem só em gabinetes mobilados com a clássica secretária de contraplacados e a clássica poltrona de couro ou pergamóide se discutiram e combinaram, entre o fumo redolente do charutos caros e o *tic-tac* das máquinas de escrever nas dependências contíguas, os preços, as cotações, os prazos de embarque, as formas de pagamento, que sei eu? As mesas dos cafés — e, em especial, de certo café da zona central — a febre dos negócios empolgou os nervos e enrubescou as faces dos milicianos do mais antipático, do mais odioso, do mais nocivo comércio dos tempos que correm. Como há, no Pôrto, o hábito de tratar de negócios à mesa do café, ninguém estranhava, naturalmente, que os volframistas cuidassem dos seus interesses, geralmente rendosos, entre dois goles da aromática e sépida bebida. Assim, a certas horas do dia, era frequente, sobretudo num desses concorridos estabelecimentos públicos da Baixa portuense, assistir a conciliábulos que, afinal, já não constituíam segredo para ninguém. Volfrâmio, a palavra mágica, a palavra cabalística que teve o condão de subjugar muitas almas e nelas instilar, subrepticamente, o vírus da ambição e da ganância, era, pronunciada por este ou aquele, o indício mais seguro para se saber de que espécie de negócio se ocupavam os conversadores amesandados diante das chicharas e dos açucareiros. Não era, mesmo, preciso que lateassem a voz na conversa ou a palavra reveladora lhes brotasse dos lábios, para que, logo, se desse conta do que, em volta daquelas mesas de café, reunia aqueles homens preados pela mesma garra implacável do mesmo voraz desejo. Bastava olhá-los bem, fixar-lhes, por momentos, as fisionomias, dominadas por sentimentos e pensamentos de cupidéz e ansiedade, para não errar no diagnóstico... Efectivamente, aqueles homens eram volframistas.

Certo, a cidade em nada era prejudicada com a presença daqueles que do Pôrto faziam seu Quartel General, donde dirigiam suas manobras e operações, com a mira em ganhos progressivamente vultosos. A verdade é que os estabelecimentos de prazer re-

gistavam extraordinária afluência de frequentadores; nas casas de espectáculos os lugares mais caros nunca estavam devolutos; nos restaurantes de luxo não era fácil obter mesa. Corria o dinheiro em caudais e nestes, como sempre acontece, quando o dinheiro abunda, afogavam-se muitos escrúpulos de consciência... Não há dúvida de que a prosperidade dos traficantes do volfrâmio se reflectia, de certo modo e até certo ponto, na economia da cidade, embora, como bem se entende, com esse afluxo de ouro não lucrassem um centil aqueles sobre quem a árvore das patacas do minério não estendera, tutelar, benéficamente, os pojados e frondentes ramos. Aquêles que nos seus réditos habituais, obtidos à custa do quotidiano labor, baseiam a própria subsistência não podiam, de modo algum, competir, em poder de compra, com os endinheirados de fresca data, com os «novos ricos» a que a segunda conflagração mundial dera origem — e, assim, porque estes pagavam tudo por todo o preço, aos compradores que a sorte não favorecera passou a ser inacessível muito daquilo que para os outros era de fácil aquisição.

Uma boa parte do comércio local teve, então, o seu «São Miguel». Os episódios a que esse afã de comprar deu origem constituíram, durante muito tempo, excelente pasto para comentários sarcásticos de toda espécie. As revistas teatrais apoderaram-se do volframista alarvado e grotesco e serviram-no, até à saciedade, ao áudio do público. O volframista entrou, também, na literatura — e não foi tratado com mais indulgência. Tomou, enfim, figura popular, popularíssima. Pouco invejável popularidade a dele, porém.

Simplesmente, o volframista que a recente determinação governamental, acertadamente, inibiu de traficar não é aquele que o teatro popularizou. Por muito mal que a exploração do volfrâmio tenha trazido para algumas zonas do País, onde os trabalhadores rurais trocaram a rotina e a pobreza do amanho da terra pelo trabalho muito mais lucrativo, bem que mais perigoso para a saúde e a vida, da pesquisa e recolha do minério, não censuro os homens — e as mulheres — que, sonhando com o desafogo, a mediania ou, até, a riqueza, se meteram à mina para arrancarem as pedras em que se entranhava o volfrâmio. Dêsses, sem dúvida, muitos foram os que viram subir, demasiadamente, o seu nível de vida, trouxeram a carteira bem provida de notas de quinhentos e de mil escudos e alardearam, ridiculamente, uma importância que só o dinheiro, falsamente, lhes dava. Mas grande foi, também, o número daqueles que, mercê do honesto e duro esforço, encontraram, ao menos por algum tempo, aquela felicidade, ou, antes, aquela facilidade material a que têm jus todos os trabalhadores, seja qual fôr o trabalho a que se votem. Esses, pois, não me merecem antipatia ou censura.

Não, o autêntico volframista não era o explorado, era o explorador — e, principalmente, o miliciano, o aventureiro, o oportunista que dava uma cêdea a ganhar aos que suavam sangue para ele e se locupletava com a parte do leão. A insolência, o impudor, a brutalidade com que esses sujeitos ex-

IMAGENS DO NORTE



Feliz organização do «Jornal de Notícias», teve o seu desfecho, no Pôrto, o concurso do «Vestido de Chitas», a que concorreram, com os seus modelos originais, raparigas de vários pontos do país. A foto mostra-nos o grupo das primeiras classificadas, vendo-se indicada, com a seta, a vencedora absoluta, Idalina da Graça Banha, de Beja — «Rainha» das costureiras de Portugal!



Um friso tentador: um grupo de concorrentes do concurso «Vestido de Chitas».



Madame Carmona esteve no Pôrto onde inaugurou a cantina da Escola Infantil da Foz do Douro. A esposa do Chefe do Estado deu-nos assim mais uma demonstração pública de carinhoso interesse à grande obra de assistência à nossa infância.



A libertação de Paris pelos Aliados foi comemorada no Pôrto, no dia 24 de Agosto último, por um grupo de amigos da França, tendo assistido o vice-cônsul daquele país, sr. Eugène Wesnert, e os jornalistas Silva Petiz e Oliveira Valença, da Imprensa do Pôrto.

(Continua na pág. 14)

A INDÚSTRIA DE LUSTRES E CANDEEIROS C. MILLER



UM ASPECTO DA NOVA SALA DE EXPOSIÇÕES

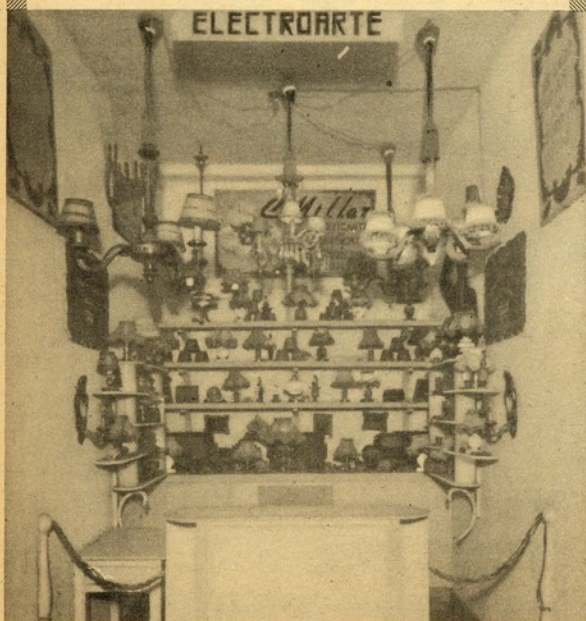
O «Atelier» de Arte C. MILLER, na Rua Eduardo Coelho, 6-8, que se tem distinguido pela maneira original como fabrica os mais variados géneros de candeeiros eléctricos de suspensão e «abat-jours», abriu recentemente uma sala de exposições na Rua do Duque n.º 34 e 36.

Nesta sala, cujo aspecto reproduzimos acima, encontra-se exposto um sortido variado de lustres, em vidro e cristal, candeeiros de suspensão com globos, «abat-jours» em seda, «candeeiros-abat-jours» para escritório e sala, fabricados em vidro ou madeira com pintura vítrea Rellim cor de rosa, creme, verde, azul, etc., em combinações admiráveis que permitem os mais suaves reflexos de luz. Encontram-se também expostos, candeeiros decorativos de sala, em Terra-Cota, com «abat-jours» em seda, com rouge de cetim, e candeeiros decorativos de sala em falcão, executados com requintado bom-gosto e dentro dum sentido de boa arte. Estes «Ateliers» especializam-se igualmente na fabricação de vários artigos decorativos como calzinhas guarda-jóias, «bomboniers», tableiros, etc., inspirados nas famosas artes regionais italianas do género.

Todos os artigos desta casa podem ser procurados nas boas casas de artigos eléctricos e de utilidades domésticas.

A Casa C. MILLER no seu «STAND» na Feira Popular deu aos seus visitantes uma elucidação clara, pela exposição dos seus artigos, da maneira como pode satisfazer as exigências duma decoração simples, económica e de bom-gosto.

UM ASPECTO DO STAND DA FEIRA POPULAR



ESCOLA DA RESTAURAÇÃO

ALVARÁ N.º 558

EXTERNATO MASCULINO
ENSINO PRIMÁRIO
E ADMISSÃO AOS LICEUS

AV. ALMIRANTE REIS, 106, r/c.

(ESQUINA DA RUA PASCOAL DE MELO)

Telef. 51454

PROPRIEDADE E DIRECÇÃO
DE DUARTE FONSECA

RESULTADOS FINAIS DOS NOSSOS
ALUNOS DA 3.ª E 4.ª CLASSES
E ADMISSÃO AOS LICEUS NO
FIM DO ANO LECTIVO 1943-44

EXAME DO 1.º GRAU

Alvaro Galvão de Magalhães — Aprovado.
António Lopes Gonçalves Pereira — Aprovado.
António Pedro de Azev. L. Paixão — Aprovado.
Artur Pinto da Silva Portugal — Aprovado.
Carlos Alberto do Nasc. Noronha — Aprovado.
Carlos M. de Jesus C. de M. Portela — Aprovado.
Eduardo Fôlha Moraes — Aprovado.
Fernando de Jesus Ferreira — Aprovado.
Herlander de Seixas R. Fernandes — Aprovado.
João Manuel C. Saraiva de Campos — Aprovado.
José de Carvalho — Aprovado.
Luiz Bolão Gonçalves Polónio — Aprovado.
Manuel Luiz Ferreira Lisboa — Aprovado.
Rui Moreira Rocha Ventura — Aprovado.
Vasco Nunes Castelhana — Aprovado.

EXAME DO 2.º GRAU

António Luiz Mendes B. Pereira — Distinto.
Fernando Figueiredo Tavares — Distinto.
Fernando José de Azevedo Prazeres — Distinto.
Eurico Pinto da Silva Portugal — Aprovado.
Francisco Soares Vitor Paquete — Aprovado.
João José de Azevedo L. Paixão — Aprovado.
João Rogério Cañellas Leal — Aprovado.
Jorge Bernardes Silva — Aprovado.

EXAME DE ADMISSÃO AOS LICEUS

1 — António José Couto Pires — Admitido.
2 — Armando Monteirol Ferreira — Admitido.
3 — António Luiz M. B. Pereira — Admitido.
4 — Eurico Pinto da Silva Portugal — Admitido.
5 — Fernando José de A. Prazeres — Admitido.
6 — Francisco Soares Vitor Paquete — Admitido.
7 — Jorge Bernardes Silva — Admitido.

ESTES RESULTADOS CONSTITUEM A MELHOR
PROVA DA BOA ORIENTAÇÃO ESCOLAR
E MÉTODO PEDAGÓGICO COM QUE SE
IMPÕE ESTE MODELAR ESTABELECIMENTO
DE ENSINO

PRÉFIRAM SEMPRE A
ESCOLA DA RESTAURAÇÃO

COMO NAS FÁBULAS

Era uma vez um empresário e um merceeiro...

O um comerciante. Não lho leve-empresário teatral tem de ser mos a mal, visto que é o seu — e às vezes o dos outros... — dinheiro que está em jogo.

Mas, o que nos admira é que sendo o empresário um comerciante — não esteja, ainda assim, isento de uns certos defeitos tão comuns aos merceeiros, por exemplo...

Houve uma época de Verão em que um empresário se lembrou de pôr dois teatrinhos a funcionar. Fêz dinheiro, porque as peças não eram más, as casas eram pequenas, aquilo constituía novidade e, enfim, o público mudo que não ia para fora também tinha o direito de que alguém pensasse nele — se acaso ele, público, estivesse disposto a apanhar suaditos nesses Verões que por sinal não foi muito rigoroso.

No ano seguinte, como a ideia tinha dado bom resultado, o merceeiro do lado — perdão, o empresário — quis seguir o princípio da menor concorrência e abriu também as suas portas. Aquilo ainda deu. O público, bem esticadinho para os dois lados, ainda pingava dinheiro, tanto mais que os espectáculos, sem grandes montagens, ficavam baratinhos...

Enfim, este ano, todos os merceeiros — perdão, todos os empresários — seguindo o princípio da maior concorrência, resolveram abrir quan-

tos teatros tinham. Houve especulações de bolsa, na aquisição de artistas, jogaram-se todos os jogos — incluindo o das escondidas, no Trindade... — o Estado deu com a sua presença a nota solene, autorizando que as casas de espectáculo explorassem teatro no Verão — pois não era a melhor altura?! — e cinema durante o inverno...

Enfim, tudo ficou «au completa» — no cartaz, no elenco, na imaginação dos empresários, já se vê. Porque o público, por mais que se esticasse para chegar a todos os teatros, teve de encolher os cordões à bolsa. Não houve semana em que não se anunciasse novo programa. Às vezes, eram as duas estrelas de cada assentada, porque as peças não se aguentavam e as empresas tentaram todas as experiências. Mas o público não chegava para as seis casas de espectáculo — cinco com comédias! — porque a maioria dos frequentadores estava fora, outros fugiam para a praia ao sábado e domingo e lá se ia o dinheiro do teatro que é divertimento caro.

Daqui, desta pequena história, poderíamos tirar uma moralidade: a do homem do nosso bairro, que quando viu o vizinho a ganhar massa, resolveu abrir mais duas mercearias e acabaram por falir os dois...

3.000 horas de trabalho para um salto de segundo!

JACQUELINE e Poupette são duas bailarinas francesas, do género «music-hall» que, há dois anos, trabalham juntas para apresentar um número sensacional. A razão de cinco horas de trabalho por dia, gastaram já mais de 3.000. A pirueta que um fotógrafo exímio conseguiu reter, é feita sem o auxílio das mãos, conservadas fechadas, como se vê nas fotos. Braços e pernas, no início do salto, estão juntos. Ora examinem bem que extraordinário exercício!



Um duplo salto fotografado ao 1/1000 de segundo. O sincronismo do movimento é espantoso. As pontas dos pés esquerdos estão prontas para a chegada, fincando-se no chão.



O princípio...



O salto...

As três pancadas

«MISS BA», NO TRINDADE

ESTA «Miss Ba», em cena no Trindade, é um caso excepcional no nosso teatro. Por que a peça seja melhor que muitas outras boas aqui representadas? Por que os artistas trabalhem melhor? Porque a peça esteja mais bem montada e vestida? Em boa verdade, se tivéssemos que responder a cada uma destas perguntas em separado, responderíamos que não. E, todavia, em «Miss Ba» são todos estes elementos combinados que permitem o êxito incontestável de um grupo de artistas, aqui com Lalande à frente, que estão a acorreatar o público a um entusiasmo novo entre nós. Ainda bem. Ainda bem. Sinceramente: regozijemo-nos todos com a preferência do público que desta vez acertou, porque o espectáculo do Trindade, sem que o possamos colocar na categoria dos grandes êxitos mundiais, constitui uma saudável compensação para o público que raras vezes tem podido ver melhor.

* «Miss Ba» é uma peça delicada, romântica e bem observada — o que aliás não deve ter sido difícil de obter, visto que, baseando-se em assunto escrito, não constitui criação literária. Mas está bem traduzida — Lopes Ribeiro há-de convencer-se de que, perante o nosso público, é perigoso usar aqui ou ali de um trocadilho ou de uma graça, porque provoca o desequilíbrio e o ritmo do espectáculo — bem construída e, com os poucos elementos de acção com que joga, consegue interessar o público de princípio ao fim. De facto, repare-se que, de um único episódio da vida de uma poetisa célebre, fez-se uma peça sem enredo — mas apenas com pintura de costumes e de almas. Uma boa lição para o público, para as empresas e para os autores que preferem as peças burguesas — e esta de algum modo o é — carregadas de acção. Afinal, o público britânico também pode aproximar-se de Lisboa...

* Lalande é a espinha dorsal do desempenho e, estávamos em dizer, o cartaz para o público que a quer ver e aplaudir, principalmente na cena final do 1.º acto e naquela outra do último acto em que o mundo torpe da alma do pai se lhe revela. Sentimentos e gestos, tudo nela joga certo, à altura de uma grande comediante que se mete na alma do público, tão simples e humana que nem parece representar. Nunca vimos Lalande dar uma tão

Os verdadeiros Elisabeth Barrett e Robert Browning, interpretados por Lalande e Caetano.

nítida prova do seu poder de dramatização — dramatização chega, pelo amor de Deus, não lhe chamemos trágica!

Villaret dá-lhe a réplica. Mas Villaret, que julgamos carregar a figura, repete-se, talvez por influência do próprio papel, no que fez na «Electra». Não compreendemos, portanto, porque diz ser este o papel que faz com mais prazer de há anos para cá...

Igrejas de Lisboa não tem o fogo nem o fôlego requeridos para este papel. Precisava de ser mais ardente, mais ágil, mais convincente. E tem um defeito de que deve corrigir-se: silaba muito mal e perdem-se-lhe as palavras.

Uma referência a Maria de Lourdes que dá, na sua primeira peça, tão nítida prova do seu valor, e um elogio ao Ribeiro ensaiador e actor, assim como para todos os artistas de primeira plana que, com a grande Lucília à frente, tanto contribuem para o alto nível do desempenho. O que está a fazer-se no Trindade não é extraordinário, em relação ao que se faz lá fora. O que é extraordinário é que só agora se faça entre nós. Por isso, o nosso elogio para os Comediantes de Lisboa e para o seu empresário, Lopes Ribeiro.

* Não somos especializados em cenografia ao ponto de poder criticar um cenário inglês para o século. XIX. Ouvimos, porém, dizer a quem é entendido que a cena tem luz de mais e «graça» demasiada para a casa de um londrino do estójo de Mr. Barrett, mesmo que seja habitada pelo espírito delicado e feminino de «Miss Ba»...

Do guarda-roupa, o que nos pareceu quasi sempre pior foi o corte nos vestidos das artistas. Lalande, por exemplo, no 2.º acto, tem uma saia e blusa horríveis. Isto, porém, não deve admirar, se nos lembrarmos de que, em matéria de costureiras de cena, temos andado tão atrasados como noutras coisas mais...

ESPECTADOR



e o fim!



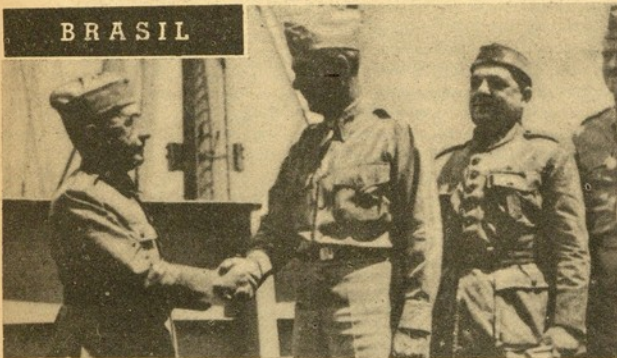
ALEMANHA

Após o atentado de que foi alvo, o chanceler Hitler reúne-se com os seus mais directos colaboradores, conforme esta foto nos revela. Nela observamos: o almirante Doenitz, von Ribbentrop conversando com o chanceler, Bormann, Mussolini e Goering.



ITÁLIA

O novo governo italiano, presidido por Bonomi, reunido pela primeira vez em Roma. Ao centro, Ivanoe Bonomi, Presidente do conselho. Da esquerda para a direita, os outros ministros: General Piacentini, Ministro da Guerra; Alessandro Casati, ministro da Guerra; Umberto Tupini, ministro da Justiça; Gaspari, Ruini e conde Sforza, ministros sem pasta; à direita: Cianca, Togliatti e Mancini, ministros sem pasta; Soleri, ministro do Tesouro; e almirante de Courten, ministro da Marinha.



BRASIL

As tropas brasileiras, segundo telegramas publicados nos diários, acabam de ter, de uma forma heróica o seu baptismo de fogo na frente de batalha de Itália. Aqui vemos o general Mascarenhas de Moraes, comandante-chefe do corpo expedicionário do grande país sul-americano, ao ser saudado pelo general Devers, um dos chefes militares aliados, quando da sua chegada a Nápoles.



BÉLGICA

A Bélgica já libertada da ocupação alemã, o governo belga da presidência de Pierlot há quatro anos exilado em Londres, acaba de regressar ao seu país. Um dos seus primeiros gestos, ao entrar em Bruxelas, foi colocar uma coroa no monumento do Soldado Desconhecido.

A vista do fim

QUANDO Churchill se fez de novo com rumo a Quebec, como no ano passado, pensou-se, naturalmente, que deveria haver alguma coisa para tratar e para dizer. É certo que a marcha da guerra se faz abertamente num sentido que não deixa lugar para grandes dúvidas sobre o seu desfecho; é certo que a frequência com que se repetem os encontros dos grandes chefes tira certa conta de curiosidade e de expectativa às suas decisões. Mas, visto que tudo parece aproximar-se do fim, também seria natural que se esperasse qualquer declaração de princípios, sem compromisso novo ou, ao menos, a reafirmação de princípios anteriormente formulados.

A verdade é que tudo se passou discretamente — e pode mesmo dizer-se que tudo se passou como se tudo houvesse de limitar-se ao carácter de «conselho de família», simples diálogo anglo-saxónico. Em Quebec, quando já o Primeiro ministro britânico tinha desembarcado, um jornalista lembrou-se de perguntar se era esperado algum delegado soviético. O alto funcionário interpelado respondeu que não via onde estivesse a razão de tal presença. É certo que se anunciou ter a reunião por objectivo especial tratar da estratégia a empregar contra o Japão — e, porque a Rússia não está em guerra com o Japão, compreende-se, efectivamente, ao menos nas aparências, a razão da ausência de qualquer representante de Moscovo. Dentro deste espírito, porém, haveria que assinalar-se a ausência da Austrália e da Nova Zelândia, que são Domínios particularmente interessados na ofensiva que está em curso no Pacífico. De um modo ou de outro, tanto pela pergunta do jornalista, como pela resposta que lhe foi dada, como até pela própria observação dos factos, pode ter-se a impressão de que há qualquer coisa que não marcha bem, qualquer roda da engrenagem montada pela coligação anti-alemã que parece emperrar em algum atrito.

Isto resulta, evidentemente, do próprio espírito da coligação, que se formou, por assim dizer, com espírito negativo: liquidar o nazismo. A vista de atingir-se esse objectivo, na hora em que se reclama a parte positiva, construtiva, da tarefa comum, não é preciso grande trabalho para se dar conta de que precisamente aí falta a unidade que mais seria de desejar — a que poderia assegurar ao mundo uma certa perspectiva de tranquilidade. Pelo contrário, a infeliz realidade, a que todos presentem, a de que muitas vezes ainda existe o pudor de falar, mas que transpira por toda a parte — é a da desconfiança.

A desconfiança sucede à colaboração, como as retaliações sucedem à desconfiança. Não se viu já um jornal londrino — por sinal o «Daily Mail», onde, antes da guerra, Ward Price foi como um porta-voz da política do Elzo — não vimos esse jornal criticar muitos americanos, acusando-os de passar para França sob a farda do exército e, chegados a Paris, aí se instalarem em escritórios a tratar do seu comércio? A verdade é que, na Grã-Bretanha, se dá conta de certo mal-estar à vista dos americanos, ao pé dos quais os próprios ingleses fazem figura de pobres... O soldado americano ganha bem, tem facilidades de gastar e de marcar um nível de conduta que aos próprios «Tomies» é defeso. Isto cria emulações, certo sentido de desencorajamento — tanto mais que é evidente que os Estados Unidos, desde que se fez o desembarque no Norte de África, não se poupam a esconder indícios da sua disposição de não se desinteressar, terminada a guerra, dos acontecimentos europeus.

Até onde e até quando se prolongará, do lado de lá do Atlântico, este conjunto de disposições? É difícil a previsão. O isolacionismo apagou-se pela força das circunstâncias — porque as realidades devem razão à corrente de que Roosevelt foi o grande e inquestionável «leader». Mas nada nos pode dar a certeza de que uma nova vaga de monroísmo, levada às suas extremas consequências, não possa deflagrar novamente. O acto eleitoral de Novembro próximo, nos Estados Unidos, pode dar, desde logo, qualquer indicação, se bem que o candidato oposicionista, Tom Dewey, tenha já produzido declarações de concordância com Roosevelt quanto à condução da guerra e, de um modo geral, quanto à política externa. O cavalo de batalha é a administração interna, o já velho «New Deal», a acusação da existência excessiva e complicada de comissões e sub-comissões de funcionários. De um modo ou de outro, com Roosevelt ou com Dewey — embora até agora os indícios pareçam favoráveis à nova recondução do presidente — os próximos momentos da política americana não serão de alheamento pelo «velho e tonto» continente.

J. R. S.

O marechal Pétain e Charles Maurras

QUEM tiver acompanhado a política francesa, desde os últimos anos, muito principalmente desde 1939 a 1944, não deve ignorar que Charles Maurras, o famoso chefe dos realistas franceses e director de «L'Action Française», foi o homem que exerceu maior influência junto do velho chefe de Estado, Marechal Pétain.

Esta circunstância parece um pouco paradoxal, visto que, como também é sabido, Maurras foi o conselheiro do pretendente ao trono de França.

O certo é que aquela influência era de tal ordem que as visitas de Maurras à residência do Marechal foram bastante frequentes, fazendo-se acompanhar muitas vezes do seu amigo René Benjamin, da Academia Goncourt.

Conhecidas como são as idéias políticas de Maurras, ignora-se se a sua aproximação do Chefe de Estado obedecia a simples simpatia pessoal, como também em que consideração o tinha o marechal Pétain, tanto mais que não há muito tempo lhe endereçou esta significativa dedicação: *«Ao mais francês de todos os franceses»*.

Poucos dias antes do desembarque das tropas aliadas nas costas da Normandia, o Chefe do Estado, de passagem por Lyon, onde «L'Action Française» era impressa desde Setembro de 1940, mandou chamar Maurras. Este não se fez tardar, na companhia do seu inseparável chefe de redacção, Maurício Pujo.

Os dois homens falaram largamente sobre a política francesa, até que em dado momento o marechal, com uma sombra de tristeza a velar-



lhe o rosto, perguntou ao seu amigo e influente:

— Diga-me, meu querido amigo. Desde que entrou na carreira política tem tido amigos?

Charles Maurras, que, como é sabido, é demasiado surdo, pediu ao seu companheiro Maurício Pujo que lhe repetisse a pergunta de Pétain. Accedendo ao seu pedido, o seu chefe de redacção inclinando-se para ele repetiu-lhe a pergunta junto do ouvido.

Maurras empalideceu um pouco, levantou depois a sua cabeça imponente e retorquiu imediatamente:

— No decurso da minha vida política tenho sofrido muitos dissabores. Conheci a prisão, recebi muitos golpes, fui insultado, caluniado, e por vezes abandonado por aqueles que me cobriam de flores. Mas também tive a sorte, senhor Marechal, de conhecer amigos, verdadeiros e fiéis amigos.

O Marechal Pétain colocou a mão direita sobre o ombro de Maurras e com a sua voz grave e melancólica, disse-lhe:

— Tem tido sorte, senhor Charles Maurras. Tem tido muita sorte.

Estas palavras do velho Chefe de Estado francês, pareciam envolver já o desalento e como que uma profecia pela hora que se aproximava.

ESCOLA DE BOM GOSTO

TODOS nós sabemos que muitos dos nossos melhores pintores não puseram nunca os pés na Escola de Belas Artes. Pintam por vocação, fizeram-se por si, cresceram em arte e são hoje artistas consagrados. A esses não foi ministrado nenhum curso de bom gosto: e o gosto nêles é intuitivo, seja bom ou seja mau — pelo que devemos perdoar-lhes os deslizes, no arranjo dos seus quadros.

Ora, nós não sabemos até que ponto, na Escola de Belas Artes, se cuida desse pormenor tão importante, que é o do bom gosto no arranjo dos quadros e, em especial, dos modelos. O que sabemos é que por vezes aparecem por aí modelos vestidos o mais horrorosamente. Pelas côres, pela impropriedade de objectos de adorno, por tudo, enfim, às vezes é de fugir apavorado...

A Arte, em si, parece que devia desde logo compreender todo o pormenor que valoriza a estética da obra em conjunto. Pois, não acontece assim: a arte de pintar e de criar beleza, raras vezes dá os seus conselhos equilibrados à arte feminina de vestir. Já temos visto «senhores de tal» e «Mesdames qual» — que parecem vestidas pelo modelo das vendedeiras de hortaliça — em dia de descanso, já se vê, porque quando elas põem a mão na cinta e o grande avental a cobri-las, sabem fazê-lo com arte e elegância...

Não seria, pois, possível, que os nossos artistas aprendessem a vestir os seus modelos?

Um quadro pode ser imponente, magnífico de técnica — mas, senhores pintores, não resiste à crítica de uma senhora elegante e de bom gosto, se por cima de um vestido de saia-casaco o artista lhe colocou um véu de gazes finas!...

A par da falta de imanação e de espírito criador, havemos de ter ainda a falta de bom gosto dos nossos artistas pintores?

Três Exposições no Estoril

O Outono começa a amarelecer as folhas das árvores e Setembro despede-se de nós com uma lágrima ao canto dos olhos — alguns pingos com que nos borra a gola do casaco e nos faz já pensar maduramente noutros hábitos citadinos: os teatros, as exposições de Inverno...

Entretanto, o Estoril mantém a chama de arte. Depois do Salon anual que extravasou para uma segunda série que não vimos, vêm mais três exposições: Maria Adelaide Lima Cruz, Santana e Faro de Oliveira.

A primeira expõe na Arcada da Junta de Turismo de Cascais, no Estoril, os seguintes no Casino.

Em quantidade, qualquer das exposições é reduzida. Maria Adelaide de Lima Cruz, porventura das nossas artistas plásticas, a que mais interesse vem demonstrando, de exposição para exposição, marca um extraordinário progresso mas uma sensível caminhada, na linha ascensional que a sua arte mantém, de obra para obra.

Paisagens e marinhas de Sintra, Estoril e Cascais, eis o que esta sua exposição nos revela. Não se julgue, porém, que neste enunciado cabe um propósito propagandístico, comercial ou de amadorismo. Pelo contrário: na obra de Maria Adelaide de Lima Cruz, a arte funde-se de tal modo com a sua alma e o ambiente, que a paisagem se transfigura e transubstancia.

Bela prova do seu valor, esta que nos dá aqui!

«Après Midi d'un faune», que é uma interpretação plástica de Debussy, é uma umbrosa e magnífica obra que irá ocupar o Museu de Arte Moderna de Nova York — e ainda bem que Paulo Duarte veio animar, com o seu critério selectivo, a arte portuguesa. As suas árvores escorrem umidade, a natureza atinge mais vigor e um poder ascensional que dir-se-ia aspirar ao infinito espiritual — e nesta referência incluímos a sua «Pastoral». Igualmente um belo quadro, mixto de paganismo e de religiosidade bíblica.

Depois, vem a «Alfazema em flor», serena mancha onde a paisagem repousa com os nossos olhos. E há «Quinta dos Lobos», de fundo forte, e há esse «Poente Fantástico» estranho e revoltado, grito do sol que não quer morrer; há o calor escaldante da praia e da sua gente, em «Depois do Banho», há essa mancha transparente de «Cascais» — e tantas outras belas coisas, como os próprios estudos dos Painéis para o Hotel do Parque.

Naturalmente, nem tudo atinge a mesma expressão de beleza altíssima na pintura de Maria Adelaide de Lima Cruz. Mas o nível geral desta exposição — há que tempos esta pintora andava arredada do público! — é dos mais elevados que ultimamente se têm realizado entre nós. A serenidade da sua alma de mulher e de artista está aqui patente, ora expressa em «Nebulosa da Serra», ora na «Manhã», em Cascais. Mas porque o sentimento e a emoção crescem sempre, em «Canto do meu Jardim» Maria Adelaide de Lima Cruz parece não caber e descombina as

côres, o que aliás sucede, quasi sempre que pretende libertar-se dos vastos horizontes, das manchas grandes, do sentido universal, enfim, da sua pintura.

* * *

Santana reuniu novos elementos para formar uma pequena mas valiosa galeria de caricaturas. Este artista tão jovem, de tão larga fantasia, já não precisa do elogio amável. O público atendeu nele, apreço, considera-o, como a crítica, aliás, um dos nossos mais representativos elementos caricaturistas. Esta exposição, realizada no Estoril, sublinha a vermelho o adjectivo com que porventura quiséssemos designar o seu talento efervescente. Há ali, de facto, magníficas caricaturas — excelentes interpretações sério-humorísticas dos seus caricaturados. Vejase, por exemplo, a graça, o movimento, das caricaturas de Campos Coelho e de Francisco Andrade. A «verve» de Santana, que hoje figura entre todas as boas colecções de desenho e de caricatura, não escusaria, porém, somente nos trabalhos apontados: um a um — e não esqueçamos a caricatura de José Cândido Godinho, que tão bem marca como traço psicológico — todos eles revelam uma atitude moral que corresponde à atitude física que o lápis e os olhos de Santana surpreendem: O Dr. Wenceslau Flores e D. Salinas, o Dr. Hilio Gonçalves, uma porção de figuras nacionais tocam o ombro de outras figuras do xadrez internacional, no mesmo plano superior de graça e de técnica de desenho. Uma nota curiosa: Churchill, Hitler e Montgomery, atingiram um bom preço no mercado — enquanto Roosevelt e Mussolini — os extremos tocam-se... — ficaram com Neves da Fontoura, Getúlio e Gago Coutinho, sem obter comprador...

Ainda assim, raras vezes um expositor terá sentido tão ampla compensação pública — que o poder de compra é a mais alta consagração do público...

* * *

Finalmente, temos a exposição de Faro de Oliveira — desta trilogia a menos representativa, pelo carácter de amadorismo, de oportunismo e de comercialismo que encerra. São óleos, pastéis e desenhos à pena, todos versando assuntos de caça. Como animalista, porém, Faro de Oliveira não nos convenceu — não obstante, por exemplo, a «Cabeça de cão», a pastel, acusar uma certa vida e «finesse». Aqui e ali, sente-se como que um desejo de o artista se libertar do convencional, como acontece, por exemplo ainda, em «Perdizes entrando». Mas os desenhos, como os óleos e os pastéis, são quasi sempre «parados» e estáticos — numa especialização de arte que exige um máximo de movimento, mesmo quando caça e caçadores param nos cálculos de uma luta de vida ou de morte.

Em resumo: acabou o defeso artístico. Vamos entrar em plena actividade. Aguardemos as próximas exposições — e demo-nos por satisfeitos com o que neste fim de estação o Estoril nos ofereceu.

M. A.



Esboço de Maria Adelaide de Lima Cruz.



«Cão na Peneira», um dos quadros de Faro e Oliveira em exposição no Estoril.



Um aspecto da exposição de caricaturas de Santana.

Carlos Botelho é um artista moderno, cuja obra atingiu já o conhecimento e o apreço do público estrangeiro. A sua última exposição inaugura-se hoje no Estoril e a ela nos referiremos com o relevo que este artista nos merece. A foto que reproduzimos dá-nos um óleo — «Costa do Castelo» — que figurará na galeria da Propaganda de Turismo de Cascais, na Arcada do Parque Estoril, e que marca bem a personalidade artística de Carlos Botelho.



PENICILINA

(Continuação da pág. 5)

pertencia a uma espécie rara conhecida pelo nome técnico de «*Penicillium Crisogenum Notatum*», passou a chamar a atenção ao antibiótico, por ele produzido, *Penicilina*.

Tudo isto se passou há mais de catorze anos. Porém, entre a descoberta da penicilina e a sua revelação como medicamento, desfilava-se uma vasta cadeia de problemas, alguns dos quais, durante muitos anos, pareceram insoluíveis.

O primeiro e o mais importante de todos consistia em produzir a penicilina em forma mais pura e concentrada. Em 1932, os cientistas Clutterbuck, Lovell e Rastrik descobriam a maneira de cultivar o bolor por meio dum líquido puramente sintético. Verificaram também, durante a escolha dos dissolventes, que, se o líquido fosse acidulado e remexido juntamente com éter, a penicilina perdia todas as suas propriedades.

Infelizmente, segundo parecia não havia maneira de se conseguir separar o éter sem destruir a maior parte da penicilina. E, tão desencorajados se sentiram os investigadores, que concluíram que a penicilina era demasiado instável para ser um antisséptico prático, razão por que abandonaram todos os trabalhos.

O mesmo aconteceu com o Dr. Fleming, o qual, uma vez, feita a grande descoberta e em face das dificuldades verificadas, dedicou a sua atenção a outros trabalhos que tinha entre mãos.

Entretanto, enquanto decorria este período de investigações estérteis em torno da penicilina, o cientista alemão Gehrard Domagk descobriu as sulfamidas, que começaram a salvar, dramaticamente, alguns casos desesperados da medicina, o que levou a maior parte dos médicos e cirurgiões a experimentá-las.

Em 1933, o próprio Dr. Fleming apresentou um ingrediente desta série — o M & B-693, também conhecido pelo nome de sulfapiridina. Assim, as sulfamidas revelavam ser um dos milagrosos remédios que o Dr. Fleming procurava com tanta insistência; visto que eliminavam os estreptococos e curavam a pneumonia.

Mas, à medida que as sulfamidas eram usadas, verificava-se claramente que às vezes atravassavam a cicatrização devido ao facto de irritarem as paredes das feridas e não resultavam quando utilizadas na absorção do soro ou do pus. Além disso, quando usadas internamente podiam causar reacções tóxicas fatais.

Em 1938, ainda ninguém conseguia descobrir um antisséptico que pudesse ser usado interna e externamente. Mas, na Escola de Patologia de Sir William Dunn, em Oxford, a uma distância de cem quilómetros do laboratório do Dr. Fleming, já o homem que havia de transformar a descoberta do Dr. Fleming num maravilhoso «salva-vidas» da humanidade, trabalhava incansavelmente na solução do grande problema.

Este novo cientista, australiano de origem, era o professor de patologia, Dr. Howard Walter Florey, o qual reuniu à sua volta uma equipa de peritos em química, bacteriologia, patologia e medicina com o intuito exclusivo de fazer pesquisas tendentes à extracção prática da caprichosa penicilina. Entre estes cientistas contavam-se: a esposa do Dr. Florey, que também é médica, e o Dr. Ernst Boris Chain, químico franco-russo, que partilha com Florey as honras do aperfeiçoamento da penicilina.

Sob a dinâmica orientação do Dr. Florey, o bolor azul-esverdeado do «*penicillium*» foi novamente cultivado com todos os cuidados. As primeiras tentativas, os colaboradores do Dr. Florey só conseguiram obter um grama de pó vermelho-acastanhado (o sal de sódio da penicilina) retirado de 100 litros de líquido bolorento. Verificou-se, então, que os sais de penicilina eram destruídos pelos ácidos e alcalis, oxidavam o permanganato de potássio, certos metais, certos alcoóis e os fermentos produzidos por bactérias aerotransportadas.

Finalmente, após esforços incansáveis, os auxiliares do Dr. Florey juntaram a penicilina suficiente para a experimentar em seres vivos. Oito cobaias foram inoculadas com quantidades mortais de estreptococos e o próprio Dr. Florey conta:

«Durante toda a noite injectámos penicilina, de três em três horas, em quatro cobaias. Devo confessar que foi um dos momentos mais emocionantes da nossa vida quando vimos, de manhã, que todas as cobaias, que não tinham sido tratadas, estavam mortas, ao passo que as que tinham levado as injectões de penicilina continuavam vivas».

Nessa noite histórica, o sonho do Dr. Fleming e a teoria de Pasteur tornavam-se realidade médica.

Das cobaias ao homem, a caminhada ainda foi difícil e longa. Praticamente, com toda a Escola de Sir William Dunn a trabalhar para esse fim, foram, apesar disso, necessários muitos meses para se poder reunir a penicilina indispensável para tratar um homem.

A primeira cobaia humana foi um polícia que estava moribundo, atacado por uma septicémia estafilocócica (infecção sanguínea). Após cinco dias de tratamento com a penicilina, o homem melhorava consideravelmente. Dez dias depois, as melhoras acentuavam-se. Mas, em seguida, as bactérias começaram de novo a multiplicar-se e, como não havia mais penicilina, o homem morreu.

Com o segundo caso tratado, obteve-se o mesmo resultado. Mas, nos casos seguintes, os resultados foram mais satisfatórios e ao fim da primeira série de dez tratamentos, o Dr. Florey e os seus colaboradores conseguiram demonstrar que a penicilina era eficaz contra as bactérias quando injectadas nos músculos ou nas veias, mas ingerida pela boca nada resultava em virtude de ser destruída pelos ácidos do estômago.

Verificava, também, que a penicilina actuava, convenientemente, na presença do soro sanguíneo e do pus, donde se concluiu que era um antisséptico ideal contra as feridas e revelavam que, quando ministrada nas veias, a penicilina desaparecia do sangue, uma hora depois, em parte excretada juntamente com a urina.

Provaram ainda mais que, contrariamente ao que acontece com as sulfamidas, que apenas «matam a fome» as bactérias, a penicilina evitava que estas se dividissem e multiplicassem — inchavam, aumentavam de volume, mas por qualquer motivo que ainda não foi determinado, não se dividiam. E, caso curioso: a penicilina também não mata as bactérias — limita-se a pô-las em condições de serem mais facilmente eliminadas pelas defesas naturais do organismo.

O Dr. Florey e os seus companheiros descobriam, igualmente, que, quanto mais pura a produziam, menos tóxica e menos tóxica era a penicilina. E desde então, todos os doentes passaram a tomá-la sem receio das suas propriedades tóxicas.

A princípio, cultivava-se o bolor em frascos ou redomas e, em alguns hospitais dos E. U., fez-se da penicilina uma «cultura doméstica». Porém, durante todo o inverno de 1942, nos E. U., só se conseguiu arranjar penicilina bastante para tratar 50 doentes.

Em Junho de 1943, o Dr. Chester J. Keefer, de Boston organizou as primeiras distribuições regulares de penicilina por 22 grupos de médicos espatados pelos Estados Unidos, os quais imediatamente iniciaram as suas experiências em seres humanos.

Pouco depois, uma grande catástrofe fazia com que se pensasse na imediata produção em grande escala do remédio maravilhoso. O Dr. Keefer utilizou a penicilina no tratamento das vítimas do incêndio do célebre «*dancing*» «*Cocunut Grove*» e os médicos norte-americanos impressionados pelos resultados passaram a pedir penicilina em grandes quantidades. Foi então necessário, estabelecer determinadas prioridades na distribuição do já famoso produto.

Entretanto, os proprietários de dōze grandes fábricas de produtos químicos, cujas instalações estavam avaliadas em 20.000.000 de dólares, lançavam-se na produção em massa. Muitas outras fábricas, apesar de nunca se terem dedicado à produção de fungos, seguiram-lhes o exemplo.

Grandes empresas de destilação começaram a cultivar bolores em cubas e tonéis vazios, ao mesmo tempo que financiavam experiências nos colégios e universidades, e os produtores de cogumelos trocavam estes pelo milagroso bolor.

Os médicos, e até os curiosos, também, começaram a arranjar culturas privativas. O método usualmente utilizado consistia em deixar crescer o «*penicillium*» em tiras de gaze e depois usá-las como ligaduras.

Apesar de tudo, mesmo na América, ainda no ano passado, eram raras as notícias em que se anunciava o salvamento de seres humanos por meio da penicilina. O primeiro caso registado como sensacional foi a espantosa cura duma garota de dois anos, Patricia Malone, atacada por uma septicémia estafilocócica e cuja vida se salvou devido aos instantes pedidos de penicilina feitos pelo *Journal-American*, de Nova York, que por esse motivo ganhou o *Prémio Pulitzer* de 1943.

Na Califórnia, um médico salvou outra garota de sete anos num caso fatal de gangrena. Esta doente sofreu várias amputações do braço esquerdo até à altura do ombro e como «último recurso», ministrou-se-lhe penicilina quando se tinham perdido todas as esperanças. A cura foi verdadeiramente milagrosa», afirma o médico que a tratou.

Outro cirurgião salvou um homem moribundo com uma osteomielite séptica depois da sulfatiazina ter fracassado completamente.

Presentemente, sabe-se que, duma maneira geral, a penicilina cura todas as infecções estafilocócicas; infecções hemolíticas-estreptocócicas, infecções da clostridia, pneumonias pneumocócicas que as sulfamidas não curam e todas as infecções gonocócicas (inclusive a gonorréia que as sulfamidas também não tratam). Outras doenças contra as quais a penicilina é eficaz, mas não foi devidamente experimentada são a sífilis, a actinomicose e a endocardite bacteriológica.

A aplicação de 40.000 a 120.000 unidades diárias, durante gradualmente por meio de injectões nas veias ou nos músculos, durante cerca duma semana, cura os casos gerais de infecção sistémica. O tratamento da gonorréia é geralmente mais curto e o tratamento da endocardite bacteriológica sub-aguda muito mais demorada.

Para aplicação nas feridas, usam-se 50.000 unidades em solução salina, variando a quantidade com o tamanho da ferida.

A penicilina, por conseguinte, cura a maior parte das doenças que as sulfamidas não dominam. Além disso, trata rapidamente, a sífilis, nas fases iniciais do seu desenvolvimento, visto ser remédio eficaz na eliminação do espiroquete.

As sulfamidas não são eficazes contra a sífilis. Mas, a penicilina não suplanta totalmente as sulfamidas, porque estas ainda são necessárias no tratamento das infecções intestinais (a penicilina é destruída no aparelho digestivo), das infecções do *bacillus coli* do sistema urinário e, como profiláticas, nas epidemias de certas doenças, como a meningite, a pneumonia e a gonorréia (a penicilina é excretada com excessiva rapidez para ser usada para estes fins).

A penicilina já é uma grande fonte de receita; no entanto, o Dr. Fleming (que a descobriu) e o Dr. Florey (que a aperfeiçoou) até hoje nada receberam em troca, senão louvores e elogios verbais... Os benefactores da humanidade geralmente, não tiram patente das suas descobertas e criações...

Mesmo assim, para o Dr. Fleming, cujas qualidades de pioneiro da ciência e da medicina vão ficar na história da guerra e da paz deste século, a penicilina não representa um fim, mas um princípio. Ele já prevê que, quando for conhecida a composição química da penicilina, os homens dos laboratórios produzirão muitas variedades de novas substâncias farmacológicas de grande potência.

Os olhos do Dr. Fleming já estão fixos nos milhares de elementos fungoides existentes na natureza, cada um dos quais pode, dum dia para o outro, suplantam o «*Penicillium Crisogenum Notatum*» ou originar uma nova substância com a qual se possam curar muitas das pragas que a penicilina não consegue ainda dominar.

«Seria muito estranho», diz o Dr. Fleming que está a trabalhar com todo o entusiasmo em outros antibióticos, «que a nossa primeira descoberta ficasse sendo indefinidamente o melhor...».

JOSE CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

Do volfrâmio e dos volframistas

(Continuação da pág. 9)



PÓ D'ARROZ
"MONTEGIL"
UMA QUALIDADE SUPERIOR.
ALIADA ÀS MAIS MODERNAS
E LINDAS CÓRES
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL

punham a sua opulência arrogante e criminosa, gastando, como nababos, como nababos, aquilo que poderia estancar muitas lágrimas e debelar muitas fomes! De um sei eu, embora lhe desconheça o nome, que, numa noite de pândega num *cabaret* de Lisboa, deu cabo de onze ou doze contos em liberalidades com espanholas luxuriosas e ávidas de dinheiro, fazendo correr o *Champagne* a rodos e praticando actos do mais escandaloso e torpe desbragamento. A essa espécie de volframistas, a única, verdadeiramente, que merece o apódo pejorativo e vulgar, cortou as asas a recente determinação governamental. Certo, aos que enriqueceram e souberam defender e conservar a sua riqueza, não causa grande moza a proibição de negociar com o minério. Os outros, porém, os esbanjadores, hão-de torcer a orelha até verter sangue. *O dinheiro mal ganhado*, como proclama a cantiga, teve o destino, por certo, que merecia. Não invejemos, nós, os que do volfrâmio só sabemos o nome, a prosperidade mais ou menos assegurada dos primeiros, nem lastimemos o castigo imposto pela Providência aos segundos, efêmeros gozadores dum bem imerecido. Congratulemo-nos, sim, com este facto: o espectáculo dos volframistas de verdade, sinistros pescadores das águas turvas, terminou. Para eles, como para quem assistiu, espantado e enojado, ao regabobe do volfrâmio, *la commedia* é finita. Ainda bem.

HUGO ROCHA

PEQUENA HISTÓRIA



O ASSÉDIO

Stanley Baldwin disse um dia nos Comuns, com grave escândalo do pacifismo britânico, que a fronteira da Grã-Bretanha era no Reno. O início do assalto à Alemanha pelos exércitos de Eisenhower — através do qual o mundo vai verificar, mais do que a ténpera militar da defesa, o grau da resistência psicológica do povo alemão, que já em idos séculos o cobriu de glória — repõe à luz a frase do velho Primeiro Ministro conservador. Esse assalto é, porém, a fase de um assédio. Apenas no norte italiano por onde nestes dias se incendia o belo espírito das sublevações contra os austríacos e franceses, em isoladas regiões balcânicas, em estreito retelho da sempre heróica Polónia que escreve em

Varsóvia, como em Cassino, a última página do seu heroísmo nacional, na Noruega e na Dinamarca, as tropas germânicas ainda lutam sob os desígnios suásticos nas zonas exteriores dos apanchos, fora das muralhas. O grosso dos exércitos entrou no recinto enorme da pátria para uma defesa suprema que os grandes cabos de guerra Aliados, desde Montgomery a Patton, começam a palpar antes de investir. Estamos já muito longe do alarme sufocante do inverno de 1939 e dos dias, que ansiaram o mundo, da batalha de Inglaterra. O astro desce, a espantosa velocidade, do seu zenite. Para trás fica já o armistício imposto espectacularmente na clareira da floresta de Compiègne, em cujo texto o marechal alemão teve o júbilo de assinar a desforra de uma humilhação, logo anunciada como impossível de repetir-se. Do alto de todos os maiores púlpitos de França, a voz eloquentíssima de Bousset diante das opulências da realeza absoluta, clamou como os profetas bíblicos o nada das vangórias humanas. A Fortaleza Europeia, imagem para fins militares, reduz-se hoje à Fortaleza Alemã. A civilização é, afinal, um equilíbrio de forças. Quando alguém tenta quebrá-lo, ela vinga-se retomando a linha vertical da balança. A Europa tende a reintegrar-se em si mesma. Estamos, talvez, mais perto da Paz de Vestfália do que da Conferência de Viena. E falta um Talleyrand...

QUEBEC

A evolução desta guerra de colossos demarca-se por uma sequência de conciliábulo de chefes de nações. Em Quebec de novo Roosevelt e Churchill se apalavraram. Para decidirem o assalto maior ao orgulho nipónico? Para trocarem impressões sobre o que haja de ser feito no período imediato a uma eventual rendição alemã cuja data ainda o mundo não pode prever? Para uma recolagem que impeça o alargamento de fendas que já não podem ser disfarçadas? Ao ler-se na imprensa os relatos mais ou menos indiscretos dos correspondentes que acudiram em chusma à linda cidade do Canadá, fica-se com a impressão que há de tudo isso um pouco, nos motivos da entrevista. Newell Rogers informava de lá que o marechal Estaline respondeu ao convite para tomar parte na conferência, declinando a atenção por estar inteiramente ocupado com a guerra a leste — e talvez com a ocupação russa dos Balcãs, que será um dos nós gordos do futuro europeu. Invenivelmente nos vem ao espírito o caso da conferência de Casablanca. O sr. Stephen Early, secretário de Roosevelt, apressou-se a comunicar que tanto o presidente como o Primeiro Ministro inglês compreendiam perfeitamente a situação, e que era muito possível que o marechal soviético estivesse na frente das batalhas. O texto da resposta de Estaline fornecido por aquele funcionário privado da Casa Branca, diz: «Neste momento em que o exército soviético trava grandes batalhas numa extensa frente e desenvolve vigorosas ofensivas, encontro-me sem possibilidade de sair da União Soviética e abandonar a direcção do exército nos tempos mais próximos. Todos os meus colegas acham que isto é inteiramente impossível. Os meios oficiais em Quebec advertiram logo os jornalistas de que «complicações diplomáticas não são de resultar da recusa de Estaline e da forma de redacção da sua resposta». Et pour cause.



Roosevelt e Churchill na Conferência de Quebec, em 1943. Na foto vê-se também Mackenzie King, chefe do Governo do Canadá.

MISTÉRIO E AVENTURA



Correspondência

O LOBO SOLITÁRIO (Pórtio) — Envia amistosíssimas saudações a todos os seus camaradas solucionistas, e em especial aos que começam ao mesmo tempo do que ele e que se conservam sem perder qualquer defecção.

CHARLES WILSON (Lisboa) — Talentos como o seu não se devem desperdiçar. Entretenha-se a enfiar uma agulha num colchão de arame...

DETECTIVE DE CALÇAS (Braga) — Deseja corresponder-se por intermédio desta secção com qualquer solucionista, principalmente com aqueles que usam o pseudónimo de «detectives».

ZIRTEBA (Lisboa) — Comunico a Joseph Fouché que acede a corresponder-se com ele, por intermédio desta secção. Que tal de férias no Cadaval? Boas, não é verdade? Agradeço as felicitações e felicito-a também pela sua magnífica «performance».

ALBERTO DE OLIVEIRA — Lisboa — O seu caso pareceu-me tão interessante que lhe escrevi particularmente. Como vê enganou-se em absoluto com a minha identidade. Foi o seu maior erro, até agora, meu caro detective... Quanto ao problema que me enviou e que me recebeu as minhas felicitações, esclareço que me enganei ao supô-lo da sua autoria. Mas fico à espera dum problema verdadeiramente original seu, porque V. tem revelado excelentes qualidades e um belo espírito de observação. Finalmente no que diz respeito ao «lamentável desaparecimento» de «A Curiosa Lili Malas», estou inteiramente de acordo consigo. E a propósito leia nesta secção o que pede «Uma desconhecida». Pode ser que isso levante uma ponta do véu...

UMA RAPARIGA ENDIABRADA (Algés) e MÁSCARA DE COBRE — (Moita) — Fico aguardando os vossos problemas, que examinarei

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17

O torso de Hogan e o seu rosto, mãos e braços estavam cobertos de tinta gordurosa. Assim, qualquer pessoa que lutasse com ele (e Rose tinha lutado com alguém, antes de ser morta) ficaria lambuzada de tinta, sobretudo nas mãos. Mas as únicas marcas existentes nas mãos de Rose eram arranhões. Isso provava portanto que ela não lutara com Hogan e, consequentemente, não fora assassinada por ele.

Por seu lado, Prohl mentiu, e se mentiu, tinha algum interesse nisso. O inspector assediou-o com perguntas e soube que ele untara as mãos propositalmente com a tinta gordurosa, que Hogan usava em exclusivo. Estrangulou Rose e espalhou-lhe pelo corpo algumas nódoas de tinta. Mas esqueceu-se de que a falta de tinta nas mãos da rapariga, era a prova evidente da inocência de Hogan.

Aliás, Hogan falava verdade quando dizia ter roubado o retrato de Rose. Demonstrava-o a grande mancha de tinta existente no retrato.

com a minha melhor atenção. E devo dizer a «Uma Garota endiabrada» que não tenho are de ser sobrenatural. E good luck...

HELENA SOARES — Lisboa — Creia que lamento não a poder incluir desta vez no Quadro de Mérito. Mas V. esqueceu-se das provas principais (as que dizem respeito à lancheta e à «thermuss»). Como descobriu V. o meu «mistério»? Eis uma coisa que gostaria de saber.

UMA DESCONHECIDA — Enviou um telegrama pedindo-me para que felicitasse Alberto de Oliveira e A. F. da Costa e Castro pelos êxitos obtidos e o primeiro ainda por ter ganho brilhantemente o repito lançado a «A Curiosa Lili Malas».

REPORTER MISTÉRIO

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 16 (Por ordem alfabética)

- | | |
|---|---|
| (12) A. F. da Costa e Castro, (Pórtio). | (7) J. Simões, (Caldas-da-Rainha). |
| (13) Adolfo Lima, (Famalicão). | (1) Leandro Pinto do Souto, (Lisboa). |
| (2) Agente Ferdo, (Lisboa). | (15) Leiria Dias, (Lisboa). |
| (7) Agente Falhinhas, (Lisboa). | (2) Locutor 13, (Pórtio). |
| (1) A. João Santos, (Estoril). | (9) M. (Algés). |
| (12) Alberto de Oliveira, (Lisboa). | (6) Manuel do Carmo Peres, (Lisboa). |
| (10) Alberto de Penamacor, (Coimbra). | (3) Manuel de Melo Bargão, (Fórmia). |
| (12) Amador X. (Lisboa). | (12) Manuel Pereira Soares, (Macédo-de-Cavaleiros). |
| (6) António C. Bernardo, (Loures). | (13) Manuel R. Morais, (Lisboa). |
| (12) Artur Varatojo, (Lisboa). | (2) Maria Paula Pedro, (Barreiro). |
| (8) Boaventura Martins, (Crestuma-Carvalhos). | (10) Mário Claro da Silva, (Pórtio). |
| (5) Carlos Alberto Fabião, (Lisboa). | (5) Mário Marques Duque, (Lisboa). |
| (7) Carlos Idães, (Lisboa). | (5) Máscara de Cobre, (Moita). |
| (6) Charlie Chambera, (Lisboa). | (4) Máscara Vermelha, (Moita). |
| (12) Detective de Calças, (Braga). | (11) Mimi Sherlock-Holmes, (Lisboa). |
| (2) Detective Enrascado, (Lisboa). | (5) Mr. Smith, (Algés). |
| (2) Detective Janes, (Setúbal). | (12) M. S. A., (Coimbra). |
| (2) Detective Vaos, (Pórtio). | (12) Natércia Pereira Leite, (Lisboa). |
| (4) Dois Cachimbos Fumegando, (Lisboa). | (7) O Cavaleiro da Triste Figura, (Alandra). |
| (2) Duarte Cachofel, (Pórtio). | (3) Octaviano, (Pórtio). |
| (8) Ele e eu, (Lisboa). | (12) O Falcão, (Pórtio). |
| (14) Fernando Edgar Trigo, (Ermezinde). | (5) O Homem do Cachimbo, (Lisboa). |
| (5) Fernando Rosa, (Leiria). | (1) Oliveira Alvarenga, (Pórtio). |
| (11) Filipe de Aguiar, (Foz-do-Douro). | (9) O Lobo Solitário, (Pórtio). |
| (3) Francisco de Aguiar, (Oliveira-do-Douro). | (4) O Vingador, (Lisboa). |
| (5) G. Bramão de Miranda, (Mem Martins). | (7) Pad-Zé, (Lisboa). |
| (13) Henrique Fernandes, (Estremoz). | (8) «Philo-Vance», (Setúbal). |
| (2) Homem Lua, (Lisboa). | (13) Itapsag, (Setúbal). |
| (1) Inspector Feito à Pressa, (Flães). | (11) Repórter X..., (Lisboa). |
| (1) Inspector Montenegro, (Pórtio). | (10) Rómulo, (Lisboa). |
| (3) Inspector Manardo, (Setúbal). | (1) Rose Wyndham, (Lisboa). |
| (3) Inspector Serrano, (Faro). | (10) R. P., (Lisboa). |
| (5) Isabel de Azevedo Oliveira, (Lisboa). | (4) Rui Alberto Coimbra, (Aveiro). |
| (11) Ivone Costa, (Lisboa). | (1) Sacarrão, (Lisboa). |
| (14) João Alberto Gouveia, (Lisboa). | (6) Sávio Julian, (Esmoriz). |
| (1) Joaquim de Sá Dias, (Algueirão). | (10) Scharro (Alcoaga). |
| (7) José Balsamo, (Lisboa). | (5) Sete de Espadas, (Aguaiava). |
| (6) Joseph Fouché, (Lisboa). | (11) Simara, (Lisboa). |
| | (6) Solitário, (Lisboa). |
| | (11) Teimoso n.º 1, (Loulé). |
| | (3) Uma garota endiabrada, (Algés). |
| | (15) Ziterba, (Lisboa). |

Problema policial n.º 18

Em virtude de absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar hoje o problema policial n.º 18. Sairá no nosso próximo número. Desta falta, absolutamente involuntária, pedimos desculpa aos numerosos leitores entusiastas desta secção.

OS LIVROS DO MOMENTO



Colectão "Romances Celebres"

MARIANA SIRCA

É uma das obras-primas de Grazia Deledda, um extraordinário romance de costumes sardos, em que a autora, prémio Nobel de literatura, nos descreve caracteres desconhecidos, vigorosas paixões de alma forte e selvagem.

Este livro, que vai constituir uma autêntica revelação para o público português, é editado pela Editorial GLEBA, Limitada, Rua da Madalena, 211, 3.ª — Lisboa.



MULHERES APAIXONADAS

Um dos mais belos romances da língua inglesa, obra em que o encanto da linguagem escrita sobe a alturas nunca até então previstas.

Pertence à colectão "Os Romances Universais", editada pela Portugália Editora, Avenida da Liberdade, 13, 3.ª — Lisboa.



VALENTINA

Uma das obras-primas de George Sand, a genial romancista parisiense conhecida em todo o mundo pelo seu extraordinário talento.

Este livro é editado pela Livraria Pacheco — Rua da Miscricórdia, 79 — Lisboa

TESTAMENTO

(Continuação da pág. 24)

tavam em adulações mesquinhas, todos aqueles egoísmos ruins que nasciam duma ambição caudalosa. Prendido a si, como um estro de ternura, estava agora, e sempre, a figura amarelecida, toda vestida de preto davelha alva, a senhora Ana, educadora bondosa da sua infância original e acidentada. A riqueza não o fazia feliz. Asfixiava naquela estrada do seu destino. Não tinha amor à vida. Levava-a como um fardo. Demais, tudo interesses. Tudo lutas, valdades e artimanhas que nunca mais acabavam... Agarrado ao tronco alvo e puro do seu pender, do seu humanismo glorioso, desfeito em piedade por toda a gente que sofria, gostava de desafiar os pobres da terra para irem comer à sua vivenda. Muitas das vezes esse seu gesto era atraído pelos ingratos sem escrúpulos que numa ambição desabalada, num egoísmo desensofrido, lhe roubavam as galinhas dos seus quintais e os objectos das suas salas.

Ele rebelava-se. Expulsava-os com asco, com verdadeiro furor. O homem velho que fora amigo de seu pai também quis aproveitar a deixa e roubou-o descaradamente. Viciava os livros, vendia gado e cereais e metia o dinheiro na carteira. Um dia, sem al nem ui, abalou para uma terra e nunca mais voltou à vila. Samuel, num momento, pensou que o fazer bem era uma loucura. À sua roda, como num coliseu de vilões, as classes de adulares intrigavam-lhe a paciência e o sentimento.

A velha ala, perorava: — Deixe, meu menino. Faça sempre bem!... Não se exalte tanto... Faça bem!...

E ele deixava de pensar que o fazer bem era uma loucura. Perdoava a toda aquela gente. Não por inação do seu sentir, mas por um desejo de aproximar consciências. O mundo era mau por previdência. Não se sabia o dia de amanhã. E os homens enganavam-se para vencer uma jura material...

O povo, entrementes, bichanava, espantado:

— Mas que diabo de menino é aquele. Rico e sem gozar nada. Não abala cá da vila, faz bem aos outros, aos pobrezinhos...

— Mas que menino tão bondoso...

E outras coisas iguais.

Ilídio, o filho do cocheiro, era o seu maior amigo. Admirava-o. Outra consciência como a sua. Outro coração como o seu: modesto, franco e probo. Ele desafiava-o para sua casa, em dias de trabalho, e o Ilídio, numa voz pausada respondia:

— Vou para a oficina.

— Mas deixa, Ilídio, vem hoje a minha casa. Eu pago a jorna.

— Não, Samuel. Não me entendes. Eu quero trabalhar. Sempre...

Ah! trabalhar...

E o amigo, voltando-lhe as costas lentamente, com delicadeza, dizia-lhe: «Até já», e ia para a loja dum senhor Martins que ficava no largo da Câmara, mesmo ao pé do café dos ricos.

Por isso Samuel o estimava. Revia nele a criatura desinteressada, símbolo vivo das vilas, honrado e laborioso.

Contava dezassete anos. Sempre taciturno, sem o vigor peculiar dos rapazes na sua idade. As primas, despetadas, já lhe chamavam molengão, mariquinhas, etc. Deixá-lo. Ele não fazia caso.

Três dias antes da sua morte lembrava-se de brincar, como há muito tempo não brincava com o Ilídio e o filho do conservador, o Manuel. A jogar o berlimde. Em grande alarido. A rir, a correr.

Tudo espantado. Após o jantar, a sirene da fábrica de cortiça apitou e ele a dizer muito baixinho, aos ouvidos atentos da velha ala:

— Minha ala. O testamento é para ti. É o doutor Alfredo que o tem. Conheço a tua alma, a tua bondade. Eu vou feliz. A vida é uma luta. Fica com muitas coisas para ti até morreres. Dá ao Manuel, ao Ilídio, aos velhinhos todos da minha vila, aos meninos todos que não tiverem pais...

E mais baixinho ainda:

— Al, minha velha ala, sinto-me tão doente...

E pronto. Sorriu mais uma vez e pendeu a cabeça na almofada branca.

Depois daquilo, foi o caso que alarmou o povo: intelor. O menino morreu às duas da madrugada. Muito frio na vila. Muitas estrelas na noite.

A senhora Ana para ali estendida com um desmaio. Os primos ao canto da sala, longe daquele cáos, a bichanarem segredos e risinhos tórpas aos ouvidos uns dos outros. Pouca vergonha. Indecência. O povo a subir as escadas do palacete, numa romagem de alarme e piedade. Mulheres a chorar agarradas aos pimpolhos estremunhados. Homens a cruzarem vista para o interior das casas do menino morto. Os primos a mandarem naquilo tudo:

— Eh! gente. Lá p'ra fora, já!

As mulheres a protestarem nos seus choros lancinantes. Os homens quietos, a olharem de revés para aqueles sujeitos gordos que os mandavam sair com grosseria.

Já! Já! Já!

Os homens continuaram quietos, numa imobilidade de fantasmas, e os primos tiveram medo.

A romper o ódio e o silêncio daquele instante, entrou o notário, o doutor Alfredo, acompanhado pelo pai de Manuel e pelo tio Galhardas, o cocheiro da casa. Os primos voltaram as costas ao povo, fizeram uma vénia com as cabeças glabras e disseram:

— Vocelência como está! Vocelência faz favor...

Foram para uma casa funda, intriguados com as companhias que o notário trazia. Estiveram lá muitas horas. Ao fim ouviram-se palavras rudes, vozes alteradas de disputa e os primos, daí a bocado, a saírem dali fúlos, a pestanejar, brancos como a cal.

Aclarava, entrementes, a manhã, límpida e refulgente como uma rainha.

E nos pátios, no largo, nas ruas e nas casas, o povo alvorçado, soube que os primos saíram da casa do menino naquelas horas tardias a bufarem as palavras mais feias que se podiam dizer, e deserdados.

— Desherdados! Oh! o menino, aquela alma de santo.

E por subscrição pública, tosto a tosto (toda a gente dava) puseram-lhe um busto em mármore — uma criança puxando um velhinho pela mão — no jardim maior da vila que fica na Lapa, mesmo ao pé do cinema.

Robert Gaillard

(Continuação da pág. 4)

verde às canecas na taberna de Puebla...

Robert Gaillard, insensatamente, deitou mão dos artigos que publicou no «L'ami du Peuple», e corrompendo nomes como o do falecido jornalista Orfeu dos Anjos Fontalva, que lhe tinha sido apresentado na serenata da Ponte da Pedra e o de Francisco Serra, que era então aluno de Medicina e acompanhava fados à guitarra que Tamagnini Barbosa cantava a primor, escreveu a «L'Aventure Portugaise» envenenando com disparates, alguns mesmo imperdoáveis, os possíveis leitores que em França quisessem conhecer um pouco a nossa terra e que ficaram a saber, entre outras barbaridades, que as ciganas de Portugal são mulheres terri-

veis, que tiram os olhos às suas rivais, e que o vinho verda, aliás dos melhores do mundo, é feito... com uvas verdes!

Depois do meu artigo de protesto que fiz endereçar à direcção do «L'ami du Peuple», ao autor dos artigos e ao amigo Frederic Lefèvre, redactor principal das magníficas «Nouvelles Littéraires», meu compa-nheiro, e de Robert Gaillard nas reuniões de La Grille, nunca mais tive notícias do escritor de «L'Aventure Portugaise». Só agora, com «Os Elos da Corrente», prémio Théophraste Renaudot, que vou ler com a curiosidade e a atenção que o seu autor me merece, Robert Gaillard dá sinais de vida. E talvez — quem sabe? — que este seu livro o penitencie a meus olhos da grande partida que fez a Portugal e aos portugueses com os seus infelizes artigos e a sua desgraçada aventura...

EMILIO LOUBET

Alfredo Quadrio Raposo

(Continuação da pág. 20)

Não se esqueça de que em alguns países foi preciso quasi muralhar os campos. Os gritos, protestos e alguma palavrinha menos doce fazem parte do programa das festas. E às vezes chegam também para o locutor...

— Qual a modalidade mais difícil de relatar ao microfone?

Resposta pronta:

— O box, pela rapidez e variedade das posições dos combatentes em relação à posição de quem relata. Mas, em geral, quanto mais rápidos forem os movimentos e mais numerosos os contendores, mais difícil se torna a descrição.

— O Raposo tem sofrido alguns dissabores... Mas também tem tido momentos de alegria...

— Se quer que lhe diga com franqueza, nem alegrias, nem dissabores. Tenho um dever a cumprir. O locutor é um observador sem paizão, sujeito a enganar-se como qualquer mortal. Para os facciosos que pretendem lançar-me ao fogo, procuro ser incombustível; contra os que me imaginam batido pelas brisas dos seus entusiasmos procuro agasalhar-me. Desta maneira a minha temperatura é sempre a mesma. Não posso negar o desejo que me anima de atrair o interesse dos rádio-ouvintes para os relatos da Emissora Nacional, que sirvo.

Desenha-se um sorriso no entrevistador e no entrevistado. A última pergunta é posta:

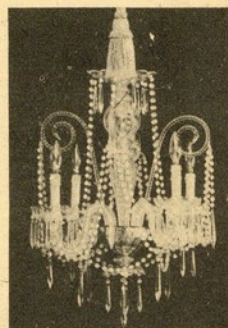
— Parece-lhe que a Rádio, ao serviço do desporto, está bem aproveitada entre nós?

Alfredo Quadrio Raposo encerra a entrevista com esta opinião:

— Temos acompanhado, sempre com o maior empenho, as manifestações desportivas, na medida em que elas interessam como acontecimento colectivo e das possibilidades que oferecem para serem reanimadas pelos meios de que dispõe a rádio. Possivelmente se irá mais longe ainda. Tudo quanto lhe posso dizer é que existe uma grande boa vontade.

«Por mais voltas que se dê ao problema há-de haver sempre quem considere que nos encontramos longe, que estamos perto, que fazemos mau ou nada. Mas talvez valha a pena imaginarmos que estamos assim, assim... e já não é mau...»

Os lustres para as decorações do bom gosto



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. de Brito

FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2

(à Rua de D. Pedro V)

Telef. 20497 LISBOA



Ouvindo Rádio Graça

QUEM passa pela Rua da Verónica, à Graça, será incapaz de imaginar que aquele prédio de rés-do-chão, com uma lâmpada acesa à porta, pode ser tão espaçoso como na realidade é.

Devemos dizer que na visita feita pela «Vida Mundial Ilustrada» às instalações de Rádio Graça, colhemos as melhores impressões. O posto está montado com carinho, desde a pequena sala de espera até ao estúdio de emissões directas, passando pelo «bar», pelo «rink» de patinagem, pela sala de recepções e pelo belo jardim onde a «dama perfumada» (umas flores que apenas cheiram durante a noite) exala o seu odor de sonho e de mistério.

Rádio Graça foi fundada em 27 de Março de 1932, há, pois, oito anos, na Rua Machado de Castro, n.º 3, primeiro andar, pelo seu proprietário e simultaneamente director técnico e administrativo, Américo dos Santos.

Até ao dia de hoje, Rádio Graça já conheceu seis sedes, para onde se mudava constantemente em virtude da anterior se ter tornado muito pequena. Hoje, como dissemos, ocupa aquele esplêndido edifício de 20 divisões...

— ...que também já vai sendo pequeno — diz Américo dos Santos, sentado diante do repórter, disposto a deixar-se entrevistar. — Mas temos de nos remediar até ao fim da guerra. Depois dela, pensamos edificar uma sede própria, cujo projecto se encontra já elaborado.

O repórter pede mais esclarecimentos mas, em resposta, pouco mais vem que um sorriso:

— Por enquanto é segredo. Compreende, não é verdade?...

Depois, porém, sempre se resolve a levantar uma pontinha do véu:

— Penso dotar a nova sede com todos os requisitos que uma moderna estação de rádio exige.

Muda-se de assunto. O repórter pergunta:

— Como lhe nasceu a ideia de fundar Rádio Graça?

Resposta:

— Por carolice. Não vê que sempre fui um grande entusiasta da rádio. Construí aparelhos, eu sei lá! Foi ouvindo o antigo CT1AA que me nasceu a ideia de montar o meu posto. Comecei desde logo a transmitir exclusivamente música portuguesa. O público, que estava deseioso de escutar esta música, deu-nos logo a preferência. Além disso, há um fim humanitário que nos norteia: recrear os felizes e não esquecer os infelizes.

Américo dos Santos faz uma pausa e conclui:

— Ao fundar Rádio Graça, tracei o seguinte lema: bem servir a radiodifusão portuguesa e, desta forma, conquistar as maiores simpatias e auxílios para poder cumprir uma missão humanitária, que é a de auxiliar os pobres.



Desde 1932 que lutamos para este fim, tendo, até hoje, distribuído pelos pobres cerca de 50 contos.

Américo dos Santos fala, com entusiasmo, dos seus projectos.

— O meu sonho seria construir e manter um albergue para crianças e velhinhos, uma colónia de férias e um internato-escola. Mas é tão difícil!

Todos os cargos no Rádio Graça são ocupados por Américo dos Santos e por seu filho Alberto dos Santos, que é operador e locutor.

— Porquê? — pergunta o repórter. — Porque assim temos sempre a certeza de nos darmos bem.

Fala-se da preferência dos ouvintes. A opinião de Américo dos Santos é que o nosso público radiofónico prefere música ligeira portuguesa, sobretudo fados.

— E sobre emissões directas?

— Os nossos ouvintes que respondam. Temo-nos preocupado em oferecer bons programas, de agradecimento. Possuímos um grupo privativo de teatro e de variedades e uma pequena orquestra que tem sido mantida com grandes sacrifícios.

— Nota falta de colaboradores? — inquire o repórter.

— Não. O contrário talvez seja verdade: temos colaboradores a mais...

— E sobre gravação de discos?

A resposta vem imediatamente:

— Possuímos o melhor e o mais moderno material. Os nossos serviços técnicos de gravação estão batendo o «record» em perfeição de trabalhos. Um pormenor interessante: fomos a primeira estação a ter serviços de gravação.

Rádio Graça mantém um programa de intercâmbio com a Ideal Rádio, do Porto. Permutam discos.

— Estes intercâmbios são muito úteis — declara Américo dos Santos — porque daqui nasce uma forte camaradagem que todos os postos deviam manter entre si.

São dez horas e meia. O locutor acaba de anunciar o fecho da estação. A entrevista pode terminar aqui, também...

REPÓRTER UM

A T. S. F. salvou um maestro de apuros

O maestro Serge Kussevitzsky, director da Orquestra Sinfónica de Boston, viu-se, recentemente, em grandes apuros. No programa estava anunciada a grande sinfonia de Sibelius, «Finlândia». Porém, o pobre maestro, por mais que procurasse na sua pasta as páginas da sinfonia não havia meio de as descobrir. Depois de uma pesquisa inútil, que se prolongou quase até à hora do espectáculo, chegou à triste conclusão de que a havia perdido.

A orquestra estava numa pequena cidadezinha, onde, nessa noite, ia dar um concerto. Os bilhetes todos vendidos. Que fazer, então, se lhe faltava a partitura?

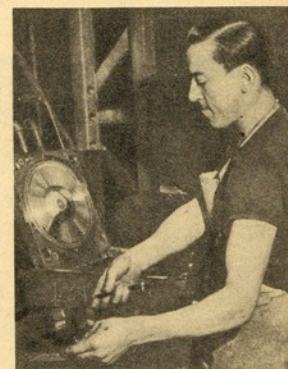
Foi então que a T. S. F. veio em seu auxílio. Serge Kussevitzsky telegrafou para Boston pedindo que lhe fotografassem página por página da partitura, enviando-a, depois, pela T. S. F., para o pequeno teatro daquela cidadezinha.

Resta dizer que o concerto se realizou à hora habitual e que o público que enchia a sala ouviu, deliciado, o poema de Sibelius...

«O amor é eterno» Diz LUCIENE BOYER, gravando a sua última canção

Os discos e a rádio são os melhores veículos para propagar uma canção. Para que esta difusão se faça rapidamente é necessário que no dia da primeira audição o «repe» seja ao mesmo tempo lançado pelo «pick-up» do teatro ou do «music-hall», e pelo micro de uma estação emissora.

Nestas fotos vemos a grande vedeta do teatro e da rádio, Lucienne Boyer, gravando em disco a sua última criação: «L'amour éternel». Vêem-se, também, algumas fases da gravação até ao momento em que, no café, por dez centimos, dois apaixonados podem ouvir, frisoneteira de cera, a voz quente e melodiosa de Lucien Boyer, dizendo, murmurando: «o amor é eterno»...



A ESCUTA

Os últimos ecos publicados nesta secção mereceram, da parte dos nossos leitores, o mais lisonjeiro acolhimento. Obrigado pelas palavras confiantes que nos endereçaram. «A Escuta não pode acabar» — disse um dos nossos leitores. — E não pode acabar porque é útil, tão útil como uma vacina anti-escorbútica ou anti-malária. Serve para expurgar os males que enfermam a nossa Rádio.

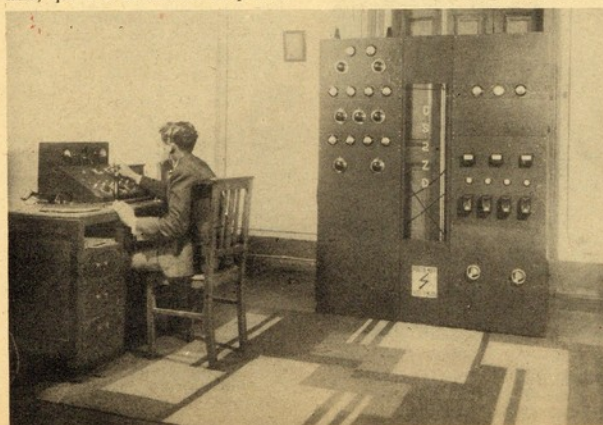
* * *

Porque não substituirá Rádio Renascença o seu locutor do noticiário? Bom Deus, não conhecemos ninguém que, diante de um microfone, leia tão mal os telegramas das agências. Soletta, gagueja, volta atrás. E isto todos os dias, com uma regularidade de espartar.

Repetimos o que mil vezes já aqui foi dito e repisado: não é locutor quem quere. O cargo de locutor é um dos mais importantes em qualquer estação de rádio, porque é a sua voz que está em contacto directo com o público. A mínima condição que se pode exigir a um locutor é a de saber ler. Infelizmente, porém, nem todos o sabem. Não confrange ter de se repetir verdades tão verdadeiras como estas?

* * *

Já que se falou de locutores, devemos dizer, também, que a nova locutora-estagiária da Emissora Nacional, Joana Campina Miguel, está, nos dias de hoje, com uma voz muito pior que no começo das suas emissões. Voz pouco maleável, nervosa, excitada. Nota-se um não à vontade, uma voz estrangulada que torna defeituosa as suas emissões.



Os artistas do teatro e as vedetas do cinema

FERNANDO Santos, homem de Teatro experiente e sabedor, que há muito vem fazendo, na Imprensa, uma campanha no sentido de renovar os empobrecidos quadros artísticos dos nossos palcos, arriscava noutro dia uma sugestão, que não queremos deixar de aplaudir, pelo que tem de justa e de oportuna.

O espirituoso cronista de «A volta dos Teatros» lembrava, com efeito, para fazer face à carência de elementos de sangue moço, que reduziu o Teatro Português a uma anemia que lhe pode ser fatal, que as Emprêzas deveriam ter a liberdade de lançar mão dos artistas revelados pela Rádio e pelo Cinema.

Com efeito, a tela e o microfone tornaram-se, com o andar dos tempos, verdadeiros «descobridores de talentos» e chegaram ao ponto de desencantar, nos quadros dos mais modestos elementos teatrais, autênticos valores que conquistaram a simpatia do público e da crítica. É claro que, para isso, o Cinema teve a liberdade de ir buscar uma corista para protagonista de um filme, ao passo que o Teatro não pode pôr uma «girl» como chefe de quadro, ainda que lhe sobrem qualidades para tanto.

É certo que Maria Paula transitou das «Pupilas» para o Nacional; que Madalena Sotto saltou da «Varanda dos Rouxinóis» para a companhia de Alves da Cunha; e que Maria Sidónio revelou-se, na Rádio, e marcou um lugar nos palcos dos nossos teatros ligeiros. Quere dizer: esse intercâmbio de artistas entre o Teatro, o Cinema e a Rádio está, pelo menos, esboçado — e a prática demonstrou que foi proveitoso para os artistas, para o público e para as Emprêzas.

Mas, pela nossa parte, queríamos que fôsse levado mais longe. Que uma vedeta de cinema pudesse tomar no palco o lugar que as Emprêzas houvessem por bem distribuir-lhe, sem ter que obedecer a quaisquer outras praxes ou formalidades. Que o Teatro desse ao Cinema, sob este aspecto, tratamento idêntico ao que o Cinema sempre deu ao Teatro.

Se o artista de Cinema se saberia ou não adaptar às exigências do tablado — era com ele e com a empresa contratante. E a selecção operava-se, naturalmente...

São pobres ainda os nossos quadros de artistas cinematográficos. Mas tudo indica que tendam a desenvolver-se. Tudo nos permite esperar a revelação de novos valores. E no dia em que as vedetas do cinema nacional puderem actuar no tablado, sem peias burocráticas, sem exclusivismos que os próprios estúdios baniram, o Teatro português, na grande feira do espectáculo, terá mais por onde escolher.

E, com o facto, só ganharão as emprêzas, os artistas e o público — a arte e o espectáculo dum modo geral.

FERNANDO FRAGOSO



O teto do «cabaré» nova-yorkino «El Borracho», onde se vêem as impressões labiais de milhares de mulheres famosas. Chu-Chu Johnson, a mais elegante de todas as «modelos», aponta o cartão onde aparece a imagem rubra do seu beijo.

A LABIOLOGIA

Uma ciência estranha que se pode aprender, olhando o teto dum cabaré de Nova-York...

ACABA de nascer uma nova ciência: a «labiologia». Diz-me como são os teus lábios — e dir-te-ei as manhas que tens... Esta é a fórmula, a expressão geométrica, chamemos-lhe assim, da transcendente ciência de averiguar a índole das pessoas pelas marcas rubras dos seus beijos.

O inventor da «Labiologia» é «Nick» Quattrocchi. Um sábio? Um filósofo? Nada disso! Apenas o proprietário de um «bar» nova-yorkino. E como estabeleceu ele as bases da sua ciência? Muito simplesmente: a olhar para o teto.

Com efeito, teto e paredes do seu «cabaré», sobretudo as do grande salão, voluptuosamente denominado «O Salão do Beijo» — estão atapetadas de pequenos cartões onde se vêem, a vermelho, as impressões labiais de milhares de famosas mulheres. E junto de cada uma, a assinatura da generosa doadora...

O «cabaré» chama-se «El Borracho». E, em boa verdade, o nome está bem pôsto, porque os frequentadores ao lembrarem-se de que os envolvem os beijos das mais belas deusas dos nossos tempos, ficam tal qual como se houvessem ingerido duas ou três garrafas de «whisky»...

Em Nova-York, este é o «night-club» das estrelas. Ali se encontram, em carne e osso, quando os estúdios lhes dão férias e lhes permitem deslocar-se a Nova-York. Ali se encontram em espírito, através das marcas rubras dos seus lábios, doces, perversos, leais e enganadores.

Porque o respeitável «Nick» Quattrocchi, inventor da nova ciência, a «labiologia», assegura que pelas

impressões dos beijos é possível definir o carácter das pessoas.

—E se é o diz — lá o sabe. O melhor, é não discutir... E se ao leitor restarem dúvidas, aconselhamo-lo, muito discretamente, a fazer uma cura de repouso no «El Borracho» deitado numa «chaise-longue», a olhar o teto, com a mesma desvelada atenção com que os astrónomos olham o céu, para penetrar os mistérios das estrelas, na noite escura...



Milú, vista pelo desenhador espanhol Sanz Lafita

«O Costa do Castelo» alcançou em Barcelona um grande êxito

O «Costa do Castelo» acaba de ser apresentado em Barcelona, no «Principal Palácio» sob o título de «El fresco de Costa», onde há um trocadilho de sabor retinamente espanhol. Como todas as películas estrangeiras, «O Costa do Castelo» foi dobrado em espanhol, tendo ficado apenas na língua original as canções. Os diálogos, por força da mesma dobragem, foram adaptados pelo conhecido comediógrafo Ramos de Castro.

Duma maneira geral, a crítica foi extremamente elogiosa para o filme, e a Imprensa deu-lhe um relvêto muito maior do que é hábito dispensar às películas estrangeiras. Milú obteve um novo triunfo. António Silva, Maria Matos, Fernando Ribeiro e Teresa Casal são elogiosamente citados na interpretação.

Saenz Guerreiro, na «Vanguardia Española», escreve:

«Se tivéssemos que buscar uma só característica para definir o que é «El Fresco de Costa», diríamos: simpatia. Simpatia, no desenvolvimento da história, na agradável superficialidade do argumento e nas personagens. E salpicando tudo isto, o encanto melodioso do «fado» português.

«É evidente que o filme não está feito com muitas pretensões, mas tudo nele está resolvido com uma facilidade que não decal um só momento».

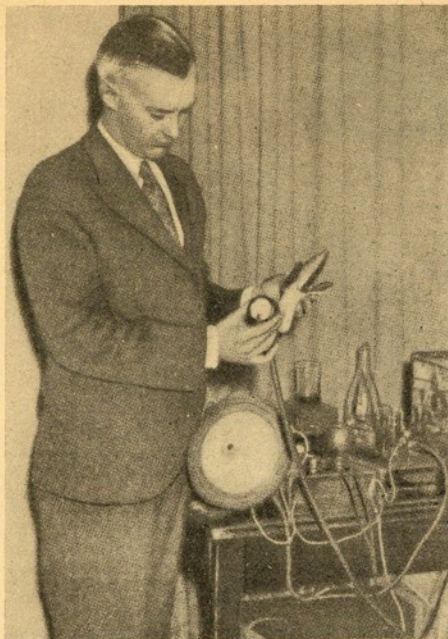
(Continua na pág. 22)



Uma linda imagem, que nos evoca as derradeiras manhas de sol, em que o verão se despede das praias de Portugal: Constance Moore, beleza esplêndida, que tem o sabor de um fruto capitoso, brilhando à luz quasi autonal.



O «barman» de um dos mais célebres «night-clubs» de Hollywood tem esta mania inocente: coleccionar autógrafos das vedetas, no casaco de trabalho. Aqui temos Frank Sinatra em tão simpática diligência.



Paladar eléctrico

O engenheiro que a foto mostra trabalhando no seu laboratório de electricidade, descobriu um aparelho chamado *electrynx*, capaz de «provar» e determinar a acidez do suco das frutas, e indicar o estado de maturação das maçãs, laranjas, limões e outras frutas, e também das hortaliças. O aparelho é duma sensibilidade extraordinária; espeta-se dois alfinetes dissemelhantes no fruto, e os indicadores acusam a existência de energia eléctrica. Esta invenção irá revolucionar todo o sistema de prova dos produtores de fruta e dos fabricantes de conservas de futas e legumes.

Também já se fizeram outros ensaios com este aparelho, para verificar o estado de acidez da bôca, da palma da mão, do cabelo e doutras partes do corpo humano.

O HOMEM VENCE AS NUVENS

DIARIAMENTE, perto do meio-dia, os marinheiros, armados de um aparelho bem conhecido — visam o sol para lhes determinar a altura acima do horizonte, e daí deduzirem com a maior exactidão possível, a posição geográfica em que encontram.

Esta operação torna-se, contudo, impossível durante o mau tempo. E quando o sol se obstina em esconder-se durante dias seguidos, difícil seria conhecer ao certo o caminho percorrido, se não se dispusessem de outros meios de observação.

Com o fim de remediar este grave inconveniente, um físico inglês inventou o *sextante termo-eléctrico*, que recebe não os raios visíveis do sol, mas os raios infra-vermelhos que, como se sabe, não são absorvidos nem pelas nuvens nem pela bruma.

Este novo aparelho pode ser usado mesmo com temporal e quando há cerração. É constituído por um reflector parabólico, que concentra os raios num «par termo-eléctrico» sensível a elevações de temperatura de um milionésimo de grau.

A fraca corrente eléctrica assim gerada é amplificada milhares de vezes e medida com um galvanómetro. Para visar o sol é necessário

orientar convenientemente o reflector para obter o desvio máximo.

Este instrumento foi adoptado pelo almirantado inglês, apesar do seu preço ser dez vezes superior ao do sextante ordinário. Como compensação ao seu elevado custo, a sua extraordinária sensibilidade permite revelar a presença de um navio a uma enormíssima distância. Também, graças a ele, se pode ser avisado da aproximação dos «icebergs», evitando, assim, os perigos a que eles expõem a navegação.

Quando a velhice chega...

DEPOIS dos quarenta e tantos anos, o corpo humano começa a gastar-se, e gradativamente, mas com velocidade acelerada, perde peso.

Este desgaste verifica-se principalmente nos tecidos mais especializados. O tecido ósseo e o conjuntivo, anatomicamente constituído por válvulas não diferenciadas, são pouco afectados. O cérebro, os músculos, os rins, o fígado começam a encolher. E os diversos tecidos retraem-se com maior ou menor rapidez.

O tecido cerebral «murcha» mais depressa do que as artérias, o irrigam, de modo que estas, conservando o comprimento original para percurso mais curto, enroscam-se em curvas espirais e laçadas.

Por sua vez, a pele não encolhe muito depressa, e, assim, quando os músculos começam a adelgaçar-se e os depósitos de gorduras a consumir-se, aparecem rugas e pelancas.

A proporção que degeneram as células especializadas, também as facultades ficam embotadas pouco a pouco. Não se vê nem se ouve tão distintamente como antes. Os músculos não possuem o antigo vigor. A digestão é menos perfeita. O cérebro menos activo e menos exacto.

Na época actual ainda não se conhece bem a base química deste desgaste. Parece que a velhice está associada com o imperfeito metabolismo do cálcio. A fragilidade dos ossos dos velhos é devida à reabsorção dos sais de cálcio pelo sangue.

É importante notar que as células do organismo não morrem pelo facto da mortalidade ser inerente à sua estrutura interna. Morrem, sim, porque são partes constituintes de um sistema muito complexo baseado na cooperação e, mais cedo ou mais tarde, um dos tecidos atraiçoa o outro. De facto, a matéria viva é potencialmente imortal. Se se faz uma cultura de tecido extraído de animal jovem, e com regularidade dela se retiram subculturas, a estirpe de células continua indefinidamente a crescer e a multiplicar-se.

CIÊNCIA ELEMENTAR

A ciência contra o crime

HÁ milhares de anos, os monarcas chineses empregavam a impressão digital do polegar como selo para autenticar documentos importantes do Estado. Na Índia, havia uma verdadeira superstição pela impressão digital; e constituía a assinatura normal dos alfabetos. Mas como estas estranhas assinaturas não eram estudadas e catalogadas, nunca podiam servir de testemunho no tribunal.

Só em 1823, o professor Purkinje e, depois dele, William Herschel e Frances Galton fizeram a classificação metódica das várias impressões digitais. Mas estava reservada a Sir E. R. Henry a honra de estabelecer o método científico de identificação pelas impressões digitais, baseado em parte nos trabalhos de Galton.

O que é uma impressão digital? Se examinarmos as pontas dos dedos, veremos que, pela parte inferior (palma da mão), a pele das falanges apresenta numerosas linhas ou estrias separadas por canais ou cavas. Se cobrirmos a extremidade dum dedo de tinta ou de negro de fumo, e depois a apoiarmos fortemente numa folha de papel, a forma daquelas estrias e canais fica nitidamente desenhada. É a impressão digital.

As impressões digitais pertencem a qualquer dos nove tipos em que as impressões foram universalmente classificadas, e dentro de cada tipo há uma infinidade de variedades. O mais curioso do caso é que (e isto é que permite a identificação) em milhões e milhões de impressões digitais tiradas, nunca se encontraram duas perfeitamente iguais, e, com maior razão ainda, nunca se encontrou que as dez impressões digitais duma pessoa fossem iguais às dez impressões doutra.

Os vários círculos e arcos de qualquer impressão digital pertencente a um dos nove tipos indicados são sempre diferentes, e, apresentam, em média, pelo menos, quinze características distintas. Estas características podem subir a cinquenta.

São raras as pessoas cujas impressões de todos os dez dedos pertencem ao mesmo e único tipo, mas, ainda quando este caso se dá, a impressão de qualquer dedo é diferente das outras nove, embora todas sejam dum tipo comum.

Muitos criminosos têm tentado alterar ou destruir a pele da ponta dos dedos, na esperança de fazerem desaparecer a forma das suas impressões. São variadíssimos os expedientes empregados para este fim: friccionar com lixa a ponta dos dedos, esfregá-los numa superfície rugosa de cimento, queimá-los com ácido ou com ferro quente, retalhá-los à navalha, injectar parafina derretida debaixo da pele, enfiar pele nova, etc. Mas tudo tem sido inútil, basta deixar a natureza fazer o seu trabalho decorrido o tempo suficiente, a ferida cicatriza, e as estrias da falange reaparecem exactamente como eram, sem uma milésima de milímetro de diferença.

Para demonstrar esta persistência da forma das impressões digitais depois de se renovar a pele queimada ou destruída por qualquer meio, houve já quem fizesse a seguinte experiência: com um ferro em brasa queimou a pele da falange do polegar direito, que se usa para tirar a impressão. A queimadura produziu uma bôlha, que o experimentador deixou crescer até poder cortar a pele morta que cobria a bôlha. Desta maneira havia a certeza de que a primeira pele que cobria o polegar tinha sido retirada; as novas estrias seriam constituídas necessariamente por pele nova, quando a natureza operasse o trabalho de regeneração da zona lesada.

Comparando a impressão do polegar antes da queimadura, com a impressão tirada depois de cicatrizada a ferida e de ter nascido pele nova, verificou-se que ambas eram perfeitamente idênticas. Nem sequer faltava a segunda impressão um pequeno ponto entre a segunda e a terceira estria à direita do núcleo ou redemoinho, tal como existia na primeira.

(Continua na pág. 22)

Os vulcões também trabalham

PORQUE motivo não se utiliza a força dos vulcões pondo-a a trabalhar em benefício da humanidade? Pouco se tem ouvido a tal respeito, mas, contudo, alguns engenheiros estão, na verdade, captando estas forças violentas da terra. Os vulcões estão sendo postos a trabalhar.

Em breve se encontrará, provavelmente, o método de captar as forças eruptivas do interior da terra, por uma forma tal que os desastres vulcânicos e os tremores de terra possam ser enormemente diminuídos.

As últimas notícias dum plano para a utilização da potência vulcânica, é o da concessão perpétua feita ao almirante Eacopoulos do vulcão da ilha Santorini. É intenção de Eacopoulos explorar esta concessão para a produção de potência para utilidade do público.

A utilização mais espectacular do vapor dos vulcões acha-se em Itália. Em Lardereilo, a pouca distância de Florença, o príncipe Ginori Conti tem explorado a paciência e sistematicamente a potência em fendas

pelas quais jorra vapor natural com grande violência.

Este vapor é captado, retirando-se-lhes os seus gases e produtos químicos corrosivos, e é em seguida fornecido a instalações industriais produtoras de potência. Este vapor é, por acaso, uma fonte especialmente rendosa em ácido bórico. O príncipe Conti, encorajado com tão excelentes resultados, começou a fazer sondagens e orifícios, a fim de obter pressões e temperaturas mais elevadas. Conseguiu, assim, furar reservatórios subterrâneos com pressões de vapor de quatorze atmosferas e temperaturas de 150° centígrados.

Outros homens de ciência, em vários países, animados com tais exemplos, consideraram as possibilidades de utilização prática da energia dos vulcões. Na Califórnia, num ponto chamado «Os Geysers», a potência do vapor natural da terra está sendo utilizada regularmente com grande sucesso. O vapor é obtido a pressões que variam entre 6,5 a 20 quilos por centímetro quadrado.



O «Vesúvio», o espectacular vulcão italiano

INIMIGOS

AQUI estamos em presença dum inimigo do corpo humano: a *fasciola hepática*. Costuma alojar-se no fígado e produzir lesões da maior gravidade. A vida da *fasciola* é aversa como a de poucos parasitas, e passa por formas muito diferentes, que constituem o ciclo da sua vida. Uma parte da sua vida é passada no carneiro; outra parte no estado livre; depois, num caracol, regressando em seguida à vida livre até penetrar de novo no carneiro ou ovelha. Em cada um destes pontos apresenta uma forma e constituição diferentes, e é só no carneiro que atinge o estado adulto. Acidentalmente pode ser engolido pelos homens.





UMA ENTREVISTA QUE ESTAVA POR FAZER...

ALFREDO QUADRIO RAPOSO

LOCUTOR DESPORTIVO DA E. N.
EMITE OPINIÕES CURIOSAS

O público desportivo que vai ao futebol, ao box, ao hockey em patins, que comparece, enfim, nos terrenos ou nos ginásios onde se realizam competições; que conhece até pela silhueta o jogador Beltrano e o campeão Fulano; que «devora» nos dias seguintes todos os comentários e críticas referentes àquilo que viu (e que com a «maior autoridade», considera o crítico uma sumidade ou um leigo e alucinante faccioso...) conhece menos aqueles que escrevem, pondo diário ou semanalmente as suas opiniões numa folha de papel, a que se convencionou chamar *Journal* — e que serve para ensinar, cultivar, distrair e... também para levantar celeuma!

E conhece-os menos — felizmente — porque o crítico não anda a exibir-se, agradecendo até que o deixem trabalhar em sossego!... Sabe-lhes, entretanto, os nomes, de cor e salteado, e vai mesmo ao ponto de descobrir o autor duma prosa que não venha assinada...

«Pelo estilo, é Cicrano...» «Hum! Não me parece. Fala demasiado no meu clube, para ser Cicrano. Repara neste período. Vê-se logo que é o X...»

«Este o jornal «tal» de hoje? Que me dizes àquela opinião do Z? Mas que «tipo», hein? Disse tudo ao contrário!...»

...E por aí fora sucessivamente, num desfilar de opiniões, todas no mesmo género, quasi, com diferenças apenas de virgulas e entoação... Isto no que diz respeito aos periódicos. Depois destes, apareceu uma nova modalidade, posta também ao serviço do desporto e da sua expansão: a Rádio!...

É inegável que a Rádio é uma força propulsora de primeira ordem. Pode não saber-se ler, mas o sentido auditivo é comum a todos os mortais, embora, claro, nem sempre também se saiba ouvir...

O desporto deve já hoje à Rádio cota parte preponderante da sua propaganda.

As principais estações portuguesas têm secções de crítica desportiva. Ouvidas em todo o país, com o interesse e avidez que é de supor, de mais que logo após a realização das provas comunicam os seus resultados e comentam-nas tecnicamente. A Emissora Nacional dispõe inclusive, ao domingo, do relato directo dos prêmios de futebol. Sem estar no campo onde a partida decorre, o público tem a faculdade de assistir auditivamente (perdoem-me a imagem os Mestres do Idioma...) ao seu desenrolar; pode vibrar, como os que ocupam os seus lugares, pagos por bom preço. E tudo, afinal, porque tem ao alcance um receptor de Rádio!...

...Há, portanto, os críticos desportivos da Rádio. Uns já eram críticos em jornais e alargaram depois a sua actividade às ondas hertzianas. Outros começaram mesmo pela Rádio e estão derivando para os periódicos...

E o caso que hoje apresentamos.

Alfredo Quadrio Raposo, locutor desportivo da Emissora Nacional, toma contacto, pela primeira vez, com o público, através da imprensa. Pessoalmente, uma minoria o conhecerá; através do microfone, todo o País distingue imediatamente a sua voz. É uma nome bem conhecido — felizmente — para ele... bem discutido em todos os sectores desportivos.

Quadrio Raposo tem 30 anos de idade. É há 9 anos funcionário da E. N. e actualmente desempenha o cargo de encarregado de Estudos. Além do seu trabalho neste organismo, Raposo é também aluno da Faculdade de Letras, onde cursa a cadeira de Filologia românica.

É um rapaz jovial e um bom camarada.

Fizemos-lhe meia dúzia de perguntas. Raposo a todas respondeu, pronta e desassombradamente.

— Há quanto tempo se dedica à crítica desportiva?

— Já me esqueci de quando comecei a comentar, porque não reduzia a escrito as minhas opiniões. Estas coisas começam no período das bolas de trapos. E mais tarde aproveitamos, ou não, as nossas tendências. Foi no colégio, no liceu... Depois veio o hockey em patins. Daí levei muitas «stickadas» sem querer... Abandonando a prática enveredei pela crítica. Deixei de levar pontapés, mas as arrelhas não são de menor efeito.

— O relato radiofónico de um desafio é difícil...

Raposo sorri:

— Um relato radiofónico exige reflexos de espírito imediatamente sobre a sensibilidade visual, o que o torna extraordinariamente difícil e fatigante. Tanto assim, que muitas pessoas, convencidas da simplicidade em contar o que se vê, tentam e desistem... É claro que não se trata de grego, nem de latim. Em todo o caso custa bem o esforço de um desafio de futebol jogado a preceito... E não falo, ainda, do julgamento de tantos sábios, do *bom gosto*, do *bom senso* que eu teria obrigação de mobilizar, fulminantemente, como se estivesse a roer as unhas sentado a uma secretária, horas esquecidas, para congregarmos três frases.

— Como encara o estado de espírito do público assistente aos desafios de futebol?

Quadrio Raposo sustenta uma pausa. Depois opina:

— O público é uma multidão e, como tal, um somatório de boas pessoas, que pode transformar-se numa grande massa indisciplinada. Segue as suas paixões e ninguém lhe pode levar a mal. Querer julgá-lo, aplicando a *bitola* em que se medem as manifestações individuais, seria maior loucura do que a da multidão inteira quando desmorteada. Os nossos espectadores, estou convencido, são dos melhores do mundo inteiro.

(Continua na pág. 11)

DAQUI E DALI

OS 17 MANDAMENTOS

A Associação de Futebol do Porto tomou muito louvavelmente a iniciativa de levar directamente aos praticantes de futebol a palavra de ordem, fazendo-lhes sentir a cada momento a necessidade de rectificação a sua acção, orientando-a dentro dum campo de boa educação e civismo, de respeito e puro desportivismo. Em tal sentido, mandou imprimir umas sentenças criadas por um desportista já falecido, e elemento de grande prestígio do Sporting Clube de Espinho, Ricardo Cruz, e distribuiu-as pelas Associações congéneres que por seu turno as remeterão aos clubes, para serem lidas e meditadas pelos jogadores:

MÁXIMAS DO DESPORTISTA

1. — O segredo de vencer está em saber ser derrotado, porque se todos sabem ganhar, poucos há que sabem perder.

2. — Não vejas um rival no teu antagonista, para que não aches motivo de orgulho no teu triunfo, nem causas de humilhação na tua derrota.

3. — O Desporto não é um alfofre de triunfadores, é uma escola de homens.

4. — Os praticantes desporto, lembre-se sempre do teu corpo, mas não te esqueças de que tens também uma alma.

5. — Nunca atribuas o sucesso às tuas qualidades, mas sim à infelicidade do que perdeu, porque se assim fizeres, a tua derrota terá grandeza e a tua vitória nobreza.

6. — Quando souberes sorrir aos teus adversários, porque estás muito perto do heroísmo.

7. — Vence-te a ti próprio e não haverá ninguém que te vença.

8. — Em desporto não há inimigos — há só camaradas.

9. — A camaradagem desportiva deve caber dentro desta máxima cristã: «Não fazer aos outros o que não quererias que te fizessem a ti».

10. — Quando na tua vida desportiva alguma contrariedade te sobrevier, domina-te, para que a tua alma também possa partilhar um pouco de desporto.

11. — A melhor lição que podes dar a um camarada incorreto, é prestar-lhe um serviço que ele te negou.

12. — Se indulgente com os outros e severo contigo próprio e terás dado um passo à frente no caminho da perfeição.

13. — Se generoso com os fracos e terás achado um meio de te impores aos fortes.

14. — O êxito em desporto não está na vitória, está apenas no esforço que dispendeste para a conseguir.

15. — Desde o momento que a tua consciência te não acuse, considera-te bem pago mesmo com uma derrota.

16. — Não faças desporto para os outros: fá-lo para ti.

17. — Se queres ser tão grande como o vencedor, sorri quando fores vencido.

«ASSIM VALE A PENA SER BELENENSE»

ESTÁ em festa o Belenenses, pela comemoração de 25 anos de vida, que se resumem em actividade proba, incansável, persistente.

As direcções que neste quarto de século passaram pelo grémio dos «azules», deram satisfação plena ao sonho daqueles, procurando sempre elevar mais o Belenenses — e ninguém poderá negar que o objectivo não tenha vingado. Conhecemos a história do clube e sabemos bem que assim é. Desde os primeiros corpos gerentes até aos actuais, todos têm cumprido com admirável ardor e clubismo, a sua missão.

Evidentemente, que em 25 anos, há tempo e espaço de sobra, para esquecer por completo, o que de menos bom ou menos feliz, tenha saído dos elencos directivos. O que conta, o que fica, é o *totalmente bom*, é o *ar puro*, que a colectividade tem recebido e que a colocaram no pedestal, onde hoje a admiramos.

O Belenenses está em franco progresso, lançado numa trajectória que todos os que se entregaram incondicionalmente ao desporto, só podem aplaudir e desejar que se mantenha firme.

Do «todo» do Desporto Português, o Belenenses é uma célula indispensável; tem de permanecer bem viva, activa, estuante de seiva, perpetuamente jóvem.

Um clube de desporto quanto mais velho é, mais novo tem de ser. Pode parecer à primeira vista, que construímos um paradoxo, uma figura de retórica, — ou uma simples imagem literária. Afinal nada mais certo, — por ser verdade!...

O seu valor, o seu mérito, o seu labor construtivo, pautase pela idade. Com o transcorrer desta, mais aumentam as responsabilidades, que um dia se analisam retrospectivamente, concluindo-se se teve ou não arcaboço para as suportar, e para solucionar problemas que se antolham intranponíveis.

O Belenenses pode serenamente reverter-se. Tudo tem vencido com estoicismo e consciência. Os defeitos que se lhe apontem — e quem os não tem? — não ofuscarão o brilho da sua Obra.

Essa certeza, é sem dúvida o melhor estimulante para prosseguir, de cabeça bem levantada, como até aqui, a marcha cadenciada e segura, que há vinte e cinco anos sustenta.

Temos presente, o Boletim comemorativo das Bodas de Prata. Repositório valiosíssimo da história do clube, transcendendo as fronteiras de Belém, tal a riqueza que encerra.

Não só os belenenses o devem ler. Merece ser meditado por quantos vivam e sintam o desporto. Constitue uma salutar lição de vontade e de fé, para os estranhos ao pavilhão salesiano.

Para os de casa, continuando a ser líqui, é também um braço de glória. E não surpreende que os devotos do clube da «Praia», no momento em que novo ciclo de vida se inicia, pensem convictamente:

«Assim, vale a pena ser belenense!»

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Pega na sua papelaria
Produtos «HORUS»

Tintas para escrever,
calas, lacres e papel
químico

MOISÉS & REIS, L.ª

Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Telef. 81-691 — LISBOA

AS ÚLTIMAS NOCTURNAS NO CAMPO PEQUENO

PARA a noite de 13, organizou a Sociedade Campo Pequeno, um cartel que tinha interesse pois baseava-se nos triunfadores da corrida anterior — Conchita e «Cañitas». Como complemento, Felipe Gonzalez e o novilheiro Rangel, que, afinal, colhido em Espanha, não compareceu. Resultou daí um «mano-a-mano» entre os dois matadores mexicanos que teve fases interessantes, sobretudo quando alternaram em «quites». A Carlos Vera, não foi possível repetir o triunfo anterior porque os seus toiros se não prestaram a isso. Um deles até o colheu com certo aparato, acabando por o arremessar de encontro à trincheira, com tão pouca sorte que «Cañitas» batendo fortemente com a cabeça no estribo, sofreu tão grande comoção que recolheu à enfermaria.

Felipe Gonzalez, desejoso de palmas, mostrou-se tão cheio de vontade que conseguiu atingir o seu fim. Fêz «quites» admiráveis, cravou magníficos pares de bandarilhas e realizou valentes «faenas», a última delas com ótimos passes, dados com arte e sabor toureiro. Foi, porém, menos aplaudido do que merecia.

Conchita Cintron, também não conseguiu o êxito da apresentação, principalmente toureado a pé. Com adversários de nervo e mais poder, lanceando de capote conseguiu apenas uns «farós» graciosos e com a «muleta» não teve a calma necessária para consentir as arrancadas incertas dos toiros. A cavallo, cravou alguns ferros francamente bons de mistura com outros que denotaram desorientação e por julgar mal os terrenos, não evitou que o toiro, subitamente desmoldado, mesmo com as pontas serradas, perfurasse a anca da sua excelente montada, incidente que, felizmente, quasi passou despercebido. Mesmo assim, foi muito aplaudido, dando volta à praça e recebendo muitas flores.

Da pionagem, antómias da brega acertada de Procópio, Correia, Dias e Oliveira e bandarilhando, destacou-se Júlio Glória.

* * *

Bom cartaz, excelente mesmo, o da corrida da noite de 20. O público, porém, não correspondeu. Pensamos que a empresa já contava com isso e com o facto só deu uma prova mais da sua aficção. Com sacrifícios destes é que se educa um público que é mais entusiasta que aficionado.

A corrida, é certo, não agradou, mas antes dela, as probabilidades eram favoráveis. Afinal, fálhou o tempo e falharam, na sua maioria, os toiros do sr. José Infante da Câmara, o que levou os toureiros a falharem também.

Simão da Veiga a quem couberam dois toiros grandes e de características opostas, toureou muito bem o primeiro, numa lide alegre mas com verdade, deixando-se ver do inimigo e levando-o toureado até consumir as sortes. Muito aplaudido teve que sair aos «terreiros» a seguir. No quinto mostrou-se incansável e se nem tudo lhe saiu bem, a culpa não foi sua mas sim do toiro que era incerto no arrancar e recarregava inesperadamente.

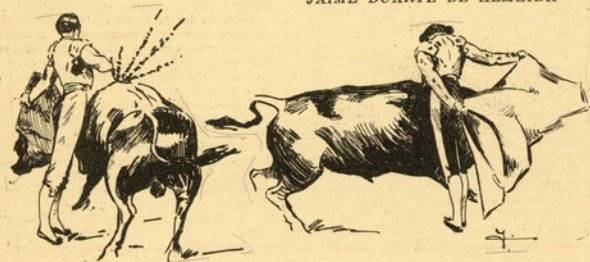
«Andaluz» — um bom toureiro ainda insuficientemente conhecido pela aficção portuguesa — realizou admiráveis lances de capote mas com a «muleta» não satisfaz. É certo que os toiros do seu lote pouco mais consentiriam, mas pelo menos podia ter-se mostrado mais calmo e menos medroso.

Valência III, num «quite» ao quarto da noite evidenciou claramente a sua classe de bom toureiro manifestando além disso belo estilo e valentia, virtudes que, julgamos, mantêm quando toureia de «muleta», pois nas suas «faenas» brilharam pormenores que assim o afirmam.

Pepin Martin Vazquez foi, de todos, o que melhor impressão deixou pelo bom estilo das «verónicas», pelo saboroso desenho das «chicuelinas» e «gaoneras», pelos dois colossais «queibros» colocados no 4.º toiro e pela «faena» realizada nesse toiro, feita quasi toda com a esquerda, à custa de consentir valorosamente. Foi ovacionado dando a única volta ao redondel que se verificou em toda a noite. No oitavo, um cornalão perigoso, Pepin assustou-se um tanto e por isso o seu labor careceu de brilho.

Excelente a brega, o que não admira, visto estarem presentes «Bombita IV», «Sevillano», «Miguelillo», «Alfarero» e os portugueses Gomes, Correia, Dias e Procópio — este justamente aplaudido quando, primorosamente colocava um dos toiros da corrida.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Pepin Vazquez na corrida do dia 20, no Campo Pequeno.

Notícias de Espanha

Do nosso informador em Madrid, D. José Tulla, recebemos as seguintes notícias:

— «Morenito de Talavera», Pedro Barrera e a «rejoneadora» Beatriz Santullano, não voltarão a tourear na presente época.

— No dia 5, faleceu em Saragoza, Escolastico Mendoza «Escola», antigo e excelente bandarilheiro que já há tempos vinha exercendo na praça de toiros daquela cidade, as funções de «puntillero».

— Na sua reaparição ao público de

Madrid, Carlos Arruza, continuando série de triunfos, cortou as quatro orelhas dos seus dois inimigos.

— Em Alcalá del Rio, faleceu, em consequência de uma cornada dada por um novilho num festival, o jovem «diestro» Rafael Toboso, filho do moço de estoques do «matador» Manoel Alvarez «Andaluz».

— Pepe Luiz Vazquez toureará em Madrid nos dias 1, 5 e 12 de Outubro.

— No dia 17, em Madrid, agradaram muito os forçados portugueses de Artur Garrett, sendo ovacionadíssimos.

TOIROS

COMENTÁRIO

Momentos trágicos da Festa Brava

A colbida de Manolo Escudero, na corrida de S. Sebastian em que Gregório Garcia se apresentou ao público espanhol, tem dado lugar aos mais diversos comentários e cada qual pretende dar uma versão pessoal ao triste lance. A circunstância de ter chegado a correr em Lisboa a notícia da morte do simpático matador de toiros, excitou as paixões e emprestou desusado colorido ao incidente. A verdade, porém, é que ainda o não vimos apreciado pela única forma por que o deveria ser: pelo seu lado grandioso e belo.

A imagem do homem que arrisca a vida para salvar um companheiro caído, tem que sobrepor-se a quaisquer outras que de boa ou má fé se imaginem em consequência do drama da arena. A união perfeita, o espírito de camaradagem, a assistência recíproca entre todos os que vestem o «traje de lues» é hoje, como o foi ontem e será amanhã, demonstração absoluta de que os homens que lidam toiros possuem, como os outros, um coração e uma alma bem formada, prova de que são astraídos à vida da arena por inclinação artística ou galbardia de espírito e não por sentimentos inconfessáveis de brutalidade ou malvadez.

Pelo contrário, vivendo como nenhuns outros horas de ansiedade e esperança, conhecendo todos os balanços da sorte em momentos de triunfo que logo se convertem em fracassos, os toureiros possuem o perfeito sentido de avaliação das necessidades e dores alheias. Por isso eles estão sempre prontos a concorrer generosamente para os espectáculos com fins benéficos.

Embora pareça paradoxal, nós que temos privado com esses rapazes que matam toiros, nas praças, podemos afirmar que, na sua maioria, possuem uma alma limpa, humilde e crente, totalmente diferente da que julgam os detractores da corrida de toiros.

Que importa que Escudero tenha sido colbido quando socorria Gregório? Se o foi, amanhã tombará Gregório em defesa de Escudero. Esta certeza é que deve permanecer como a maior e mais bela verdade da Festa Brava!

CAPOTAZOS

UMA PROEZA DE VALOR



Está definitivamente assente a ida ao México do excelente bandarilheiro António Correia, que ali toureará às ordens de Fermín Rivera. Esta prova de apreço pelo simpático toureiro, um dos melhores do «baralho» nacional, deve ser motivo de júbilo para todos os aficionados. Consta-nos até que um grupo de amigos de Correia pensa levar a efeito um merecido almoço de homenagem.

Ao valoroso bandarilheiro, as nossas felicitações e desejos dos maiores triunfos na acolhedora terra de Rodolfo Gaona.

MEXICANOS EM ESPANHA



Notícias de Espanha dizem-nos do bom acolhimento que estão tendo lá os toureiros mexicanos que esta época nos visitaram com o tradicional agrado. Gregório, apresentado em S. Sebastian, deixou uma boa impressão, sendo muito aclamado após a lide do seu primeiro toiro; Rivera, actuando com «Manolete» e «El Estudiante», em Aranjuez, cortou uma orelha e foi sacado em ombros; «El Soldado», reaparecendo em Palencia, também cortou uma orelha; António Rangel, depois de várias actuações brilhantíssimas, consagra-se definitivamente em Sevilha, onde corta uma orelha, outro tanto

sucedendo a Filipe Gonzalez em Barcelona e Madrid. Carlos Arruza, esse então, continua a mandar os toiros ao «desoladero» sem orelhas e às vezes sem rabos e até sem patas. Para o presente mês, firmou 24 corridas — tantas como «Manolete»!

E é este o toureiro que na nossa terra foi considerado por alguns como excepcional bandarilheiro mas toureiro vulgar! Não sabemos que apenas bandarilhando bem, se cortassem orelhas, rabos e patas...

E que Arruza é, indiscutivelmente, além de primeiríssima figura, um caso extraordinário do toureiro moderno.

BOA RESPOSTA



Certo empresário espanhol contratou um dia, para a sua praça, os matadores «Gordito», Hermosilla e «Chicorro». Desejou de dar a tão atraente cartel o maior brilhantismo e no intuito de atrair a atenção do público, procurou os referidos «diestros», a quem pediu que lhe fornecessem motivos de agrado para a «aficção». Accedendo, «Gordito» disse-lhe que o autorizava a anunciar que faria o «queibro» de cadeira se algum toiro a isso se prestasse.

— De mim — acrescentou «Chicorro» — podes dizer que darei o salto de vara se os toiros mo permitirem. Hermosilla, que conhecia bem o empresário e o sabia pouco sério em contos, conservava-se silencioso.

— E tu? —
— Eu?! Podes anunciar que cobrarei os meus honorários antes da corrida!



EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

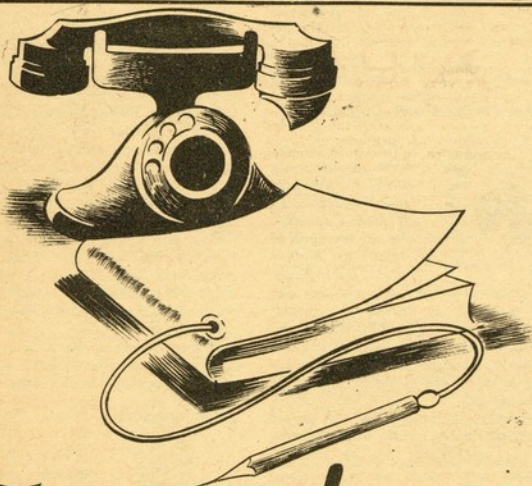
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
17,45	WRUA	25,40	WRUL	19,5	WRUS	19,8	WRUW	16,9
18,45	WRUA	25,4			WRUS	19,8		
19,45	WRUA	25,40	WGEA	25,3	WRUS	19,8	WGEX	16,8
		(Meia hora de programa especial)						
20,15								
20,45	WRUA	25,4	WGEA	19,6	WRUS	19,8	WGEX	16,8
21,45	WRUA	30,9	WRUL	25,6	WRUS	19,8		
22,45	WRUA	30,9	WLWR	23,1	WRUS	19,8	WGEX	31,4
			WLWR	23,0				
23,45			WLWR	23,1			WGEX	31,4
			WLWR	23,0				

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19.

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**



Tome nota!
21368

é o número do telefone
dos ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

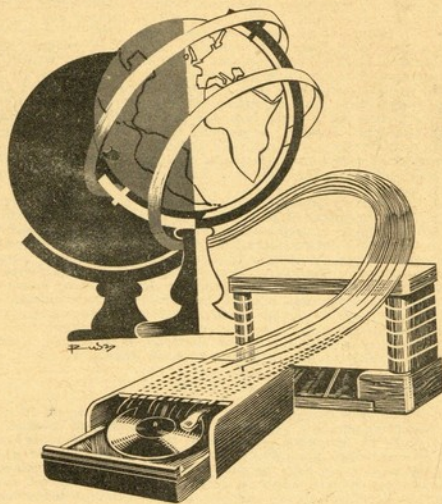
OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

DISCOFONES

PARA REPRODUÇÃO DE DISCOS EM APARELHOS DE RÁDIO, COMPLETOS, COM MOTOR ELÉCTRICO E PICK-UP



Modêlos com Mudança Automática de 8 discos grandes e pequenos

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO NOS
EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. NOVA DO ALMADA, 27

A ciência contra o crime

(Continuação da pág. 19)

Como se tudo isto não bastasse para maravilhar, a natureza ainda reserva outra surpresa admirável: o tipo ou forma duma impressão digital nunca muda durante a vida da pessoa, quer dizer, os numerosos pormenores das estrias duma impressão persistem, conservam-se sempre os mesmos desde o nascimento até à morte. As impressões conservam-se inalteráveis mesmo depois da morte e até o corpo se decompor e a carne estiver em tal estado que a pele das mãos se despegue. E quando se diz que as estrias não se alteram durante a vida duma pessoa, afirma-se que a forma ou a direcção geral em que as estrias se enrolam e torcem nunca muda. Pouco importa a largura entre as estrias ou o tamanho delas; só o número das estrias e a sua configuração se tomam em linha de conta.

Estes factos são aplicados, como todos sabem, para o estabelecimento dos arquivos de identificação, que tantos serviços prestam à policia na descoberta dos criminosos.

Todos os criminosos que passam pela policia deixam as impressões dos dedos num boletim chamado «dactiloscópico» que, depois de devidamente classificado conforme as características das impressões, é arquivado em lugar próprio. Se no local do crime se conseguir encontrar e fotografar uma impressão digital só que seja, deixada acidentalmente pelo criminoso num vidro, espelho, umbreira, etc., é fácil identificá-lo, comparando a fotografia da impressão recolhida com as impressões do boletim do arquivo se lá houver alguma impressão idêntica.

Assim acontece quasi sempre, porque a maior parte dos crimes são cometidos por criminosos de profissão, que já foram condenados e identificados. Quando assim acontece, basta em média três minutos para encontrar a ficha.

Portugal adoptou este sistema de identificação em 1905, antes da França e da Itália.

«O Costa do Castelo»

(Continuação da pág. 18)

E mais adiante:

«E além do aspecto interpretativo queremos destacar o facto de, com o argumento que é fundamentalmente uma «história cor-de-rosa», ter-se conseguido sair do tópico sentimental que tanto abunda, para converter-se numa historietta alegre e sem complicações psicológicas, que consegue fazer com que o espectador passe uma noite agradável».

«Comentators», pseudónimo do crítico do vespertino «El Noticiero Universal», também de Barcelona, escreve:

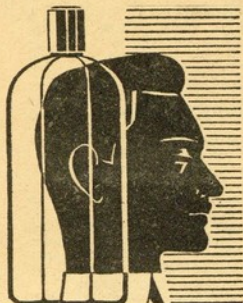
«Trata-se de uma comédia musical, com as suas gotas de sentimentalismo, na qual se sente, a dominar, um marcado sentido de teatralidade, sobretudo na pintura de certos tipos caricaturais. O que não impede que sigamos com interesse a risonha história, estuante de são optimismo e

sem outras pretensões que não sejam as de entreter amavelmente o espectador».

«O Costa do Castelo», em Espanha — e estas transcrições são concludentes — alcançou um êxito nítido, que se projectou, por extensão, sobre a cinematografia nacional.



PETROLEO



PIVER

A pintura dos cabelos torna-os secos, asperos e quebradiços.

O Petróleo Piver, pela sua acção salutar e lubrificante sobre o cabelo piloso, evita estes inconvenientes, dando-lhe saudável aparência e perfumando-o ainda, pois é uma optima loção

LT PIVER

—Há-de sair!...



Se calhar não sai...

O que sai sempre, sem o menor esforço, SÃO QUAISQUER NÓDOAS RENITENTES, quando contra elas se emprega o radi-calíssimo

CASULO Limpa-Fatos

excelente fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas, infalível contra o LUSTRO, as NÓDOAS e o MAU CHEIRO.

Torna os fatos como novos e, mais duráveis e só custa 2\$50.

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

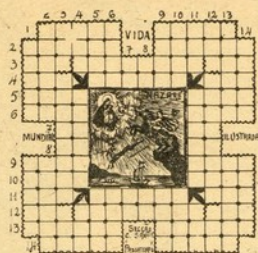
SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 47

Por Francisco da Conceição Santos
(Nazaré)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Raça originária da Gália que habitou na Península; cidade da antiguidade oriental. 2—Grande épico português; matizes. 3—Nome de mulher; ilustre filósofo grego; acolá. 4—Grande porção; triturar; ocasião. 5—Terra de pescadores perto de Aveiro; quatro letras de borre. 6—País oriental cuja rainha visitou Salomão; sorte. 7—Existe; pedra que reduz o grão a farinha. 8—Velo de ovelha; artigo. 9—Escrava de Noé de quem descendem os agarenos; pequena ilha de coral. 10—Pintor espanhol; molhe. 11—Despidos; temático e astrónomo alemão; vida. 12—Duas vogais e uma consoante; palermas; a que dá luz. 13—Vento do sul; apelido. 14—O maior poeta italiano; arazinha.

VERTICAIS: 1—Queridos; cordeirinhos. 2—Grande escultor italiano; célebre compositor francês. 3—Nome de mulher; escritor francês, autor do «Gargantua»; palmeira. 4—Contracção de pronomes; tornara raso; Deus dos pastores. 5—Assunto; filósofo alemão. 6—Repulção; faça eco. 7—Criminosa; rio de Itália. 8—Aparência; cinquenta e cinco (rom.). 9—Situada; racha. 10—Rezes; duas consoantes e duas vogais. 11—Lírio; triturem; pronome possessivo. 12—Ousa (antig.); poeta italiano autor do «Orlando Furioso» (plur.); milhar. 13—Vencedor de Trafalgar; pusera óleo. 14—Planta do Brasil; compreenderia.

PROBLEMA N.º 46
Solução

HORIZONTAIS: 1—Veiga; Paris. 2—Armas; árido. 3—Grise; rapam. 4—Aot; edo. 5—Rua; seu. 8—Asa; rãs. 9—Sai; ama. 10—Irmãs; améal. 11—Doara; toada. 12—Ossor; árias.

VERTICAIS: 1—Vagar; asilo. 2—Error; saros. 3—Imita; almas. 4—Gás; aro. 5—Ase; sãs. 8—Par; ata. 9—Ara; mor. 10—Ripes; raiai. 11—Ida; amada. 12—Somou; salas.

ATENÇÃO

Avisam-se todos os cruzadistas que de hoje em diante não serão publicados os problemas que nos remetam com os seguintes dizeres: *anagramas, vogais e consoantes e tantas letras de qualquer palavra*. Abrimos, porém, excepção para aqueles que se encontram em nosso poder.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
(Espanha)

1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

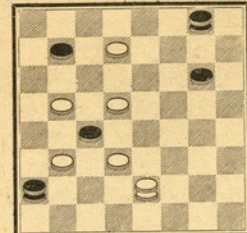
COMPOSIÇÃO N.º 15
(Final artístico)

«La Provincia», 28-9-44 — Las Palmas
(Espanha)

Lema: «Lustada V»

PASSATEMPO

Pretas: 2 «damas» e 3 «pedras».



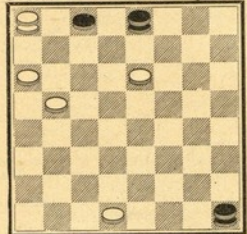
Branças: 1 «dama» e 5 «pedras».
As brancas jogam e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 16
(Final artístico)

«La Provincia», 28-9-44 — Las Palmas
(Espanha)

Lema: «Damófilo IV»

Pretas: 2 «damas» e 1 «pedra».



Branças: 1 «dama» e 4 «pedras».
As brancas jogam e ganham.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora
(Continuação)

Disso resulta que, no terreno prático, fiquem perfeitamente deslindados o *Final* e o *Problema*; quere dizer: ao tomar forma a *Idéia*, no *Finalista* e no *Problemista*, apesar da sua essência ser a mesma, o faz de modo totalmente distinto. Em primeiro lugar, o *Problemista* pode afastar-se muito do *Equilíbrio de forças*: contanto que as excessivas «pedras» brancas não permitam dar mate em menor número de jogadas que o enunciado, e neste, só por uma combinação. Em contrapartida, o *Finalista* vê-se obrigado a que as forças sejam quasi iguais, a maior parte das vezes superior do lado das pretas, e deve procurar na posição todo o poder das brancas e, ainda, de tal maneira, que esta superioridade de posição fique escondida aos olhos do *solucionista* e que, por outra parte, não dê margem a mais de uma solução. Em segundo lugar, o fim a que se propõe o *Problemista* é também distinto daquele que pretende o *Finalista*. O primeiro quere chegar a um fim próximo e concreto: dar mate num determinado número de jogadas, e só por ele. O segundo, além de um fim próximo concreto, procura outro fim remoto e indefinido, que é chegar ao ganho umas vezes e à nulidade outras.

(Continua no próximo número)

(Secção portuguesa)

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS» E O JORNAL «SPORT LISBOA E BENFICA»

A respeito deste «match» internacional publicava o semanário *Sport Lisboa e Benfica*, no seu número de 2 de Setembro de 1944, um artigo em que anunciava este encontro internacional como notícia dada em primeira mão, o que não está dentro da verdade. *Vida Mundial Ilustrada*, na secção de «Passatempo», e no seu número de 31 de Agosto de 1944, portanto dois dias antes desse semanário, já havia abordado esse assunto. Esperámos algumas semanas que nesse jornal viesse a devida rectificação, mas como tal não aconteceu, resolvemos nós fazê-la hoje.

A César o que é de César!

ESTUDO DE UMA VARIANTE INEDITA NA ABERTURA 10-14

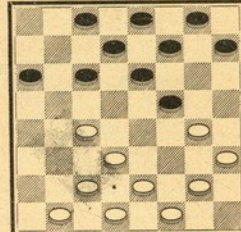
Por Francisco A. Henriques
(Almeirim)

(Continuação)

3-7	11.º	19-15
11-20	12.º	24-15
4-8	13.º	26-22
7-11	14.º	22-19
11-20	15.º	18-14
2-5	16.º	30-27
20-23	17.º	27-20
16-23	18.º	25-21
8-12	19.º	21-18
10-13	20.º	

Retrocendo à 7.ª jogada, que se assinala pelo diagrama que se segue, não continuam as pretas com 23-19, mas com 22-19:

DIAGRAMA N.º 3



15-22	7.º	22-19
13-22	48.º	26-19
5-10	9.º	27-18
7-12	10.º	30-27
11-15	11.º	27-22
10-13	12.º	18-14
13-18	13.º	23-20
13-18	14.º	20-11
6-15	15.º	22-13
9-18	16.º	14-10
15-22	17.º	

A referida 7.ª jogada (diagrama antecedente) não desenvolvem as pretas o jogo com 23 ou 22-19, mas sim com

5-10	8.º	23-20
13-17	9.º	27-23 (u)
15-20	10.º	20-16
11-27	11.º	24-15
6-11	12.º	30-23
2-6	13.º	22-19
17-26	14.º	26-21
10-13	15.º	29-22
13-17	16.º	19-14
17-21	17.º	31-27
		ganham.
(u) Se		20-16
13-17	9.º	26-21
10-14	10.º	27-23
14-19	11.º	23-14
9-13	12.º	18-9
11-25	13.º	22-18 (z)
6-11	14.º	26-22
3-6	15.º	31-27 (v)
15-20	16.º	24-15
11-20	17.º	27-23
20-27	18.º	30-23
17-21	19.º	22-19
21-26	20.º	29-22
25-29	21.º	
		ganham.
(v) Se		18-13
11-14	14.º	30-26
4-8	15.º	31-28
14-19	16.º	22-18
7-11	17.º	16-12 (x)
19-23	18.º	28-19
15-22	19.º	26-19
18-22	20.º	
		ganham.
(x) Se		13-10
6-22	18.º	28-23
19-28	19.º	26-12
8-15	20.º	16-12
28-31	21.º	12-7
31-13	22.º	7-3
2-6	23.º	3-10
13-3	24.º	
		ganham.
(z) Se		22-19
15-22	14.º	26-19
17-21	15.º	24-20
6-10	16.º	20-15
10-13	17.º	16-12
11-16	18.º	19-14
13-17	19.º	14-10
21-26	20.º	30-21
17-26	21.º	29-22
25-29	22.º	22-19
29-25	23.º	10-5
3-6	24.º	15-12
6-10	25.º	19-15
4-8	26.º	15-7
25-4	27.º	5-1
8-15	28.º	1-8
		empatam.

FIM

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

O TESTAMENTO

Conto de Antunes da Silva — Ilustração de Fernando Bento

AVENTARAM-SE os mais disparatados cálculos, quando se soube, por um criado, que o menino morria daí a pouco.

No palacete, nos corredores imensos daquela casa grande, os parentes mais chegados, sem fazerem caso das ordens peremptórias dadas pelo médico naquela hora, romperam a falar desabaladamente, no íntimo satisfeitos com aquele desenlace, como corvos esfaimados gritando a sorte dum salvação.

Entretanto, ninguém esperava aquilo. Ainda há três dias, numa tarde singela de Outono, viera do colégio acompanhado pela senhora Ana e brincara com o filho do cocheiro, o Ilídio e outro amigo dele, o Manuel, que era filho único do conservador da Fazenda da vila.

Quando a crise chegou, dum momento para o outro, sem ninguém esperar, a senhora Ana ficou transida. Viu o menino a descolorir-se, a queixar-se debilmente da cabeça, com tonturas, numa aflição desordenada, e quando o apertou nos seus braços gordos, viu que tinha muita febre.

Ficou suspensa. Afelçoad a ele desde a mais tenra idade, aquilo parecia-lhe mentira. As pernas, como canas sopradas por ciclone, tremeram-lhe, e as mãos, nervosas, deslizaram instintivamente para a testa, espalmadas, numa surda exclamação de dor. Só mais tarde, quando o Manuel subiu lá acima e se lembrou da presença do médico no quarto, a senhora Ana, benzendo-se pelo caminho, o mandou chamar, açodada.

Na vila, o caso consternou toda a gente. As velhas vieram para a rua e foram bater à casa dos criados que ficava no rés-do-chão do palacete.

— O menino... Mas o menino...?

E os criados olhavam-nas com cara de patetas, sem dizer nada.

Os camponeses, mal souberam a notícia, largaram as enxadas, atiraram com os molinos dos machos para o fundo das cocheiras e também vieram saber.

— Oh! o santo... Então o menino...

Nada. O doutor, espantado, diagnosticou logo ali uma tísica galopante. Nem uma esperança. E a senhora Ana foi à cozinha dizer à Mercedes, numa confusão de palavras atarantadas, que o Samuel estava perdido.

Os primos, então, vieram logo a correr, mais as manas, esfregando as mãos, com carantanhos de maus, a tremer de júbilo. Os primos não tinham alma, nem consciência. Pessoas ricas como o menino e parentes mais directos do seu sangue, perguntavam avidamente à criadagem embasbacada pelo acto quasi consumado.

Os criados, depois, encolhendo os ombros, continuavam o seu caminho, numa consternação de mudos.

II

O pai dele era um financeiro. Nem mau nem bom. Vulgar. Dava aos pobres ou não dava, conforme lhe desse na telha. Mas a mãe, fora uma santa feita mulher. Muito caritativa, muito inteligente e simples. Tanto assim que o povo adorava-a como se adora uma santa em aldeia de devotos. Ele, Samuel, era o retrato vivo da mãe. No físico e nas maneiras, no sentir e nas virtudes. Cara oval, nariz um pouco comprido, boca quasi sempre fechada e pequena e uns olhos pávidos de sentimentalista.

E aquele desastre estúpido acontecera há três anos, no Verão. Pouca sorte. O automóvel seguia a caminho de Lausana e foi embater com um omnibus em estrada alcantilada e, num instante, voltou-se, e foi cair, como um brinquedo, no fundo dum abismo de fraga e verdura.

Samuel ficara, por acaso, num hotel de Genebra mais a velha ala. Tinha catorze anos. Um coração, como se disse, de bom. Uma tristeza de misantropo. Quando os jornais relataram o caso, nem chorou uma lágrima. Abriu muito os olhos pretos e sonhadores, pareceu orar uma palavra, abraçou-se muito ao peito da senhora Ana para dizer, daí a pouco: — Os papás...

E a tarde suíça declinava nas líricas montanhas como um sonho de prata.

Nos outros dias a seguir à partida, pelos pinheiros dos Pirinéus, pelas plagas de Castela, Samuel não se cansava de dizer, em monossilabos quasi emperceptíveis, olhando a paisagem estrangeira: — «Os papás... Mas os papás...!».

A senhora Ana obtemperava:

— Menino, a vida é isto: um vento, uma luta, é uma coisa que nós sentimos mas não

temos nem encontramos força para prolongar. Só Deus, só Deus...

A senhora Ana era muito instruída. Sabia muitas coisas.

O garoto, admirando-a, com a alma arroubada pela bondade do seu coração sensível e terno, interrogava, olhando a ala com doçura: — Um vento? Uma luta?...

— Sim, meu menino. Um vento que passa, assim como os dias; que aniquila as existências e as idades. Um vento que ilumina, um vento que engana...!

A senhora Ana viajara muito.

— Mas um vento... — e o pequeno, olhando o céu puro de S. Sebastian, não percebendo bem o sentido profundo daquelas frases dispersas, ficava ainda mais triste.

E a velha, encolhida no seu challe de viagem, amanhando os olhos brancos no nariz curto, prosseguia, devagarinho, como uma oração delicada:

— É uma luta a vida, meu menino. Uma luta que se não vence nunca...

— ...Que se não vence nunca... — era o eco planinho que ficava a palrar no ambiente deserto da carruagem.

— Saiba, meu menino. A vida é uma coisa louca... Só fazer bem aos outros!...

A senhora Ana tinha o olhar longínquo, desfeito numa concentração pesada.

— Só fazer bem... Sentir os outros bem como nós. A vida dura pouco. Não vale a pena que a estraguemos com indiferenças, com preguiças. Dura pouco. É um foguete. Só Deus...

A velha suspirou um segredo e ficou um bocado calada.

— ...Seremos sempre bons. Sempre muito amigos dos pobrezinhos e dos infelizes, dos inocentes... Como o nosso Jesus...

— Como o nosso Jesus...

O combóio descobriu aquele diálogo e apitou. Fazia ameaças de parar. Samuel ergueu-se num repente, assustado a ala, e grita, debruçado para um velho mendigo que passa rente à carruagem:

— Toma lá, velhinho...! — e atirou-lhe uma moeda.

Parece romance, coisa sem sentido de realidade o gesto que ele fez. Mas não. Foi assim.

O combóio abrandou a marcha mas não chegou a parar. Samuel, a seguir, viu homens de dorso nú carregando sacos para um vagão. Viu o chefe da estaçãozinha bocejar de sono e fazer um sinal com uma bandeira verde.

Pôs-se a pensar nas palavras dispersas da ala e na figura gasta do velho mendigo espanhol, com sina igual a todos os mendigos do mundo...

E só então, por um paradoxo da sua sensi-

III

bilidade despedaçada por um orgulho moral que não foi capaz de vencer, se atirou contra o peito da senhora Ana e chorou por muito tempo a sua grande dor, a maior dor do mundo, a do sentimento, a do carácter, a sua loucura inconfessada pela morte estúpida e recente dos pais e pelo velho camponês que passou casualmente junto de si a carpir uma desventura...

Depois daquele incêndio no seu destino, o garoto ficou senhor dum grande fortuna. Casas em Lisboa e ali na vila, herdadas no Alentejo e uma plantação de café em Cabo Verde à sociedade com um belga.

A vida que fez, a seguir, foi uma vida triste, apática, desinteressada — sem rumo. Metido em casa, sem estudar, sem quasi falar com ninguém.

Quando passaram mais três anos olhou à sua frente, o seu futuro e não lhe viu sorrisos. Emancipou-se. Vendeu a parte da fazenda de Cabo Verde ao sócio, desistiu de estudar no liceu e firmou-se, como um homem, na chefia dos seus bens.

Mas sempre atônito ante as manifestações febris do grande movimento de existências que o instigava a viver. Sempre indiferente aos mimalhos dum mulher formosa ou de festas apropriadas onde o convidavam.

Num momento, aconselhado pela ala, contratou um senhor já velho, que fora amigo de seu pai nos tempos dos seus negócios em lanifícios e, sem qualquer explicação, deu-lhe o duplo cargo de feitor e escriturário.

Mandou sair os primos dos seus domínios, que faziam de tutores e lhe iam sugando a pouco e pouco o património. Os primos, impertigados e cícosos do seu orgulho, ameaçaram-no. Que faziam isto, que faziam aquilo. E saíram dali zangados, com a intenção de se desforrarem daquela afronta quando adre-gasse.

Depois, dedicou-se à lavoura. Sol de pouca dura. Fartou-se depressa daquela vida e resolveu ir para o colégio dum capitão reformado a aprender mais largamente o inglês.

Não tendo os pais, amava a senhora Ana como se fosse sua mãe adoptiva, amava os dois amigos íntimos e amava a pobreza envergonhada.

Os primos, insidiosos, farçolas, calculistas, conhecedores cuspícios da psicologia dele, da bondade do seu temperamento, vieram um dia ao palacete, com mesuras nos lábios e supinas falas, e repararam com a humilhação e frieza que os separava. Fizeram as pazes. A seguir, como visitas da casa, foram-lhe mandando as manas, meninas decoradas em tintas, rimels e vestidos de seda. Já mulheres feitas: trinta anos ou quarenta, uma ilustração fingida, muita pretensão, falas forçadas, modos comuns. Feias.

Samuel, corajoso, compreendendo perfeitamente o ridículo daquela intriga vã, recusava-as a todas. A sua comedia intelectual superava todos aqueles cálculos que se arras-

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.da — Trav. Condessa do Rio, 27